5.º ANO LISBOA—QUINTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1925 N.º 1452

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 87, 2.º Telefone: 1:470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

NA quinta-feira proxima, realiza-se no Coliseu dos Recreios, uma festa a favor das viuvas e orfãos de bombeiros municipais.

A comissão organisadora, composta dos srs. Aurelio Neto, vereador do Pelouro de Salvação Publica; capitão Antonio Rodrigues Alves, comandante do Corpo de Bombeiros Municipais e Lino Ferreira, antigo emprezario teatral, tendo como secretario o funcionario da Secretaria do Corpo de Bombeiros e nosso camarada na imprensa Amadeu Cesar da Silva, tem recebido numerosas e cativantes adesões, tanto dos mais distintos amadores como dos nossos artistas dramaticos.

Os amadores da prestimosa instituição que é o Lisboa Ginasio Club, exibirão na festa os seus melhores trabalhos, devendo destacar-se a sua classe infantil, que nas danças artisticas e na ginastica ritmica, com maças indianas, mais uma vez demonstrará o cuidado e a arte com que naquele club se ministra a educação fisica.

Os bilhetes estão á venda ainda no quartel de bombeiros, avenida Presidente Wilson, e podem ser pedidos pelo telefone T 339, das 12 ás 17.

* * *

A INSPECÇÃO Superior da Segurança Publica forneceu hoje á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«E' absolutamente destituido de fundamento o boato que ontem circulou, de que o sr. dr. Pinto de Magalhães tivesse intimado a depôr nas investigações sobre o caso do Banco Angola e Metropole o deputado sr. Cunha Leal.

Simplesmente aquele magistrado manifestou o desejo de ouvir este ilustre homem publico, em data ainda por determinar, e a respeito de certo discurso proferido pelo mesmo parlamentar sobre relações do Estado com determinados organismos bancarios».

* * *

ACABA de ser publicado, no Porto, o segundo volume das *Saudades da Terra* do dr. Gaspar Frutuoso, padre e notavel escritor do seculo XVI.

O livro, que se refere ás nossas descobertas e, principalmente, ao arquipelago dos Açores, tem uma introducção e esclarecidas notas do ilustre professor da Universidade do Porto, sr. dr. Damião Peres.

* * *

O MARECHAL Lyautey, enquanto esteve em Marrocos como alto comissario da França, manifestou a nosso respeito uma simpatia inegualavel, tratando de salvar todos os vestigios da nossa dominação, considerando os monumentos nacionais.

Pois até hoje ainda o nosso governo não teve a ideia de lhe dar um alto grau da Torre e Espada, apesar de se tratar do simples cumprimento dum dever!

* * *

APARECEU já o tomo X do *Arquivo Literario*, dirigido por Delfim Guimarães que, como os outros que o antecedem, encerram uma serie de estudos sobre a nossa literatura historica ou sobre os problemas da arte moderna.

* * *

UM numeroso grupo de portadores de cheques de Angola sobre o Banco Angola e Metropole, conferenciou hoje com o sr. ministro das Finanças, a quem foi apresentado pelo sr. Lima Basto.

# ANO NOVO

Termina hoje o ano de 1925 e com ele algumas ilusões de que nos namorámos, crentes de que o valor e o espirito dos homens se emancipariam de varios erros e rotinas condenaveis.

Nada mais parecido com um ano que finda que um ano que começa.

O Tempo passa desatento ao drama dos homens ou, antes, ás suas miserias e loucuras.

As nossas esperanças e a sua realisação dependem do nosso esforço, da juventude aguerrida das nossas convicções.

Queremos nós, realmente, iniciar uma epoca de exitos e triunfos?

Nada temos que fazer senão isto—renovar os nossos velhos habitos, despojando-nos de lugares comuns e de ideias encanecidas.

Estamos na aurora dum novo mundo, não é verdade?

Trabalhemos confiadamente para que a iniquidade desapareça, de modo que não sejam possiveis as injustiças de que são vitimas os fracos e os desprotegidos.

Não digamos ao Tempo:

—Dá-nos um ano cheio de venturas!

E' preferivel que nos voltemos para nós proprios, com esta decisão nos labios:

—Conquistemos a felicidade com as nossas mãos!

A vontade opéra milagres—todos nós o sabemos.

Porque não nos dispômos a acometer com firmesa, com bravura e mesmo com orgulho o nosso resurgimento?

A historia de Portugal regista muitos destes milagres, devidos exclusivamente á energia do povo e á inspiração de varões ilustres.

O pessimismo dos que fazem do seu desanimo o lábaro da derrota integral indica uma enfermidade.

Não olhemos unicamente para as nossas fraquesas com o proposito fatalista de nos diminuirmos.

Se tivermos a força bastante para nos redimirmos das paixões e odios que nos dividem, erguendo-nos acima de tantos egoismos e cegueiras, podemos desde já contar com esta indefectivel certesa—1926 será para Portugal um ano de resgate.

Governantes e governados, logo que se concertem para servir a Patria e não para a amesquinhar, encontrarão prontamente o porto salvador.

*O CASO DO ANGOLA E METROPOLE*

# Vai ser nomeado

## para dirigir as investigações policiais

# o juiz Alves Ferreira

## do Supremo Tribunal de Justiça

Por informações seguras que possuimos, sabemos que todos os trabalhos de instrução e investigação do complicado caso do Angola e Metropole vão ser entregues superiormente ao sr. dr. Joaquim Augusto Alves Ferreira, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e que ha mais de 7 anos presta serviço junto do Supremo Conselho de Magistratura, como inspector judicial.

Trata-se de um magistrado á altura da situação, de grande prestigio e nome, pessoa que oferece, além das maximas e naturais garantias de honestidade, outras não menos importantes e oportunas garantias de inteligencia, especialisação, autoridade, bom senso, inflexibilidade e decisão.

O sr. dr. Alves Ferreira, que tem na magistratura portuguesa um passado de honradez e de invulgarissimas aptidões para o alto, melindroso cargo em que vai ser investido, conta presentemente 68 anos de idade.

Dificilmente, muito dificilmente mesmo, se conseguiu a sua anuencia para aceitar o logar para que o ministerio do Interior o escolheu. O douto juiz recusou-se, de começo, terminantemente a aceitar, e só perante razões que lhe foram apresentadas, até por pessoa de sua familia, se resolveu a anuir.

Foi já juiz de instrução criminal no tempo de João Franco, tendo sucedido ao juiz Veiga, a quando das explosões de bombas em Lisboa. Foi juiz na Boa Hora, em Cintra e em Torres Vedras. E' um nome respeitado.

A sua nomeação definitiva está dependente apenas de algumas praxes.

REFERIMO-NOS ontem, mui de leve, a provaveis abusos em materia de fiscalisação na cobrança do imposto sobre transacções, especialmente junto das empresas teatrais.

Houve quem não percebesse a nossa delicadeza e o nosso escrupulo—o que nos valeu, logo de manhã, uma carta cheia de ameaças.

Como prezamos, acima de tudo, o cumprimento exacto do nosso dever, devemos acrescentar que no que escrevemos não ha odios contra ninguem.

Sabemos o estado lastimoso em que vivem actualmente as emprezas teatrais, que a muito custo se aguentam.

Já mais duma vez fizemos sentir não só a conveniencia, mas até a urgencia de se remediar uma situação de que depende o sustento de tantas familias.

Ou o fisco devora o teatro ou o teatro abranda as furias do fisco.

Esta ultima disjuntiva é a unica defensavel.

E por assim o entendermos, sentimo-nos autorisados a pedir ao sr. director geral das contribuições e impostos que, na hipotese de intervir no assunto, o faça com a clemencia e a prudencia que o assunto exige. Protecção ao teatro e... a mais ninguem!

* * *

O SUICIDIO já passou de moda. Durante muito tempo foi uma necessidade romantica. Hoje — representa a cobardia da vida, a miseria, a fome, a desonra. Uns transitam para a morte porque não querem sentar-se nos bancos dos tribunais. Outros porque á condenação quotidiana preferem a total e final. Outros ainda—são raros—porque apostaram sobre a fortuna, sobre a gloria, sobre o triunfo; gosaram tudo e tudo perderam. O dia de Natal, que é solenisado em todo o mundo cristão, como o resgate da humanidade: o perdão pela culpa, o sacrificio pela dôr, a resignação pelo trabalho, foi assinalado tristemente em Berlim. 24 suicidios. Outros tantos dramas. Ha que perguntar á memoria desses desgraçados se era maior a sua angustia do que a sua fé? Se do Além obtivessemos uma resposta—talvez que ela fosse uma saudade, inutil e incompreendida.

* * *

FOLHAS AO VENTO é uma colectanea de poesias, algumas já publicadas ha anos na imprensa periodica, outras ineditas, em que a senhora D. Maria do Carmo Peixoto consagra o merito da sua reconhecida inteligencia. Acompanha-a um prefacio de Henrique Lopes de Mendonça, o que não é qualquer coisa, tanto pelo que diz, como por quem o subscreve.

A elegante «plaquette» define uma vocação literaria, de relevo e de apreço.

Brevemente, o *Diario de Lisboa* prestará mais desenvolvida homenagem á joven poetisa, que a ela tem merecido jús.

* * *

EDUARDO Scarlatti, que é um poeta, mas um poeta que se resguarda da turba e dos seus clamores, reuniu num volume de tiragem limitada—oferta para amigos muito escolhidos—uma preciosa serie de sonetos com este titulo—*Argila Sagrada*.

Lemo-los com atenção e com praser constatando que a sua musa se ocupa nesta tarefa dificil e melindrosa—fundir o pensamento e a emoção no mesmo verso, construindo este com certas sonoridades do bronze.

# A Instrução

## O Ensino Industrial

Já h[illegible] esta parte, de todos os Governos, [illegible]n passado pelas cadeiras do Poder, n[illegible]s que, nos seus propositos, tenha havido a mais pequena ideia de se tratar com conveniencia e acêrto, do magno problema do nosso ensino tecnico. Cada ministro, que passa pela pasta do Comercio, não lobriga alcançar uma objectiva. Seja por desconhecer completamente a alta missão que este ensino deve exercer na sociedade, ou porque o tempo não lhe chegue para se ocupar um pouco de tão importante assunto ou, ainda, por não se fazer rodear de colsboradores entendidos na materia;—o que é certo e um facto, é que o tempo vai decorrendo, sem que haja alguem a desejar enfrenta-lo. A declaração ministerial, que o actual Governo, leu ha dias no Parlamento, ao Paiz, não foi de molde a deixar uma bôa impressão, no meio do professorado deste ramo de ensino. Muito vagamente, ela se referiu á instrução e no capitulo da instrução tecnica do povo, não se descortina facilmente que uma nova aurora vá despontar. Por ela transparece a intenção, de fazer passar para o Ministerio da Instrução o ensino tecnico, que, já ha alguns anos, se encontra debaixo da tutela do Ministetio do Comercio. Essa ideia, se fôr convertida em realidade, e considerando o ensino dividido em duas partes, a «administrativa» e a «tecnica», não se justifica muito bem, pela segunda parte, a «tecnica», a anunciada transferencia. No da Instrução, ele deixaria de ter a sua função utilitaria e não teria a sua caracteristica fundamental.

Hoje mesmo ainda, apezar de estar no ministerio que lhe compete, notamos que é necessario insuflar vida nova, considerar que para uma acção benefica e moralisadora, atingindo uma finalidade, é mister torna-lo tecnico, como o preconisou Emidio Navarro, somente tecnico e profundamente tecnico.

A maneira como actualmente se tem feito o recrutamento dos professores é verdadeiramente uma afronta a todos aqueles que, por direito proprio das suas habilitações e concursos, conquistaram os logares no magisterio, e significa apenas, que ainda entre nós, não se encarou, a serio, no papel que o professor tem a desempenhar e nas responsabilidades do seu cargo. O recrutamento do pessoal docente, não deve continuar a fazer-se, pelo mesmo processo, como se nomeia um simples burocrata. Deve haver uma certa diferença. A nomeação de professores por contracto, não é logica, nem se compreende e é fechar a porta a todos aqueles que possuem a preparação necessaria para a sua ascenção ao magisterio, que não dispõem da influencia dos politicos. Tratando-se dum ramo de ensino, tão especial e tão diverso de qualquer outro, está naturalmente indicado ser preciso fazer a seleção dos individuos que se destinem ao professorado, e que só e unicamente por concurso deviam ser admitidos.

A não ser assim, o ensino continuará confuso, desnorteado, improdutivo e desviado dos seus fins.

*Cosmelli de Sant'Ana*


**TODA A GENTE SABE**

que um bom retrato a aguarela ou a oleo não se faz em qualquer fotografia.

A Foto-America tem pessoal especial para este genero de trabalho, podendo garantir que se não faz melhor em parte alguma.

**R. Registo Civil, 6, 1.º, ao Intendente**

**Dr. José de Padua**

**Consultas das 3 ás 5 h.**

Coração e pulmões—Raios X—Avenida, 18


## CARTAZ

### TEATROS

**S. Carlos**=A's 21,15=«O principe João».
**Gimnasio**=A's 21,15=«Vida e doçura».
**Apolo**=A's 21,15=«A Taberna».
**S. Luiz**=A's 21 15=«Flor do Tojo».
**Avenida**=A's 21,15=«O Pão de Ló».
**Politeama**=A's 21,30=«Seguro de Vida».
**Maria Vitoria**=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
**Salão Foz**=A's 15,45 e 21.45=«Pirolito».
**Coliseu dos Recreios**=A's 21=Companhia de circo.
**Bal-Tabarin**=A's 21=Variedades.
**Salão Alhambra**=A's 21=Variedades.

### ANIMATOGRAFOS

**Tivoli**=Avenida da Liberdade.
**Olimpia**=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
**Chiado-Terrasse**=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
**Cinema Condes**=Avenida da Liberdade.
**Salão Central**=Praça do Restauradores
**Salão Ideal**=Rua do Loreto.
**Cinema Gil Vicente**=A' Graça=Domingos, Terças, Quintas e Sabados.
**Cine-Paris**=Rua Ferreira Borges.
**Salão da Promotora**=Largo do Calvario.
**Salão-Rocio**=Rua do Arco do Bandeira.
**Cinema Belem**=Rua Paulo da Gama.
**Cine Tortoise**=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.

## CRONICA LITERARIA

# A ESCRIPTORA

## Condessa de Noailles

### apreciada

## por Oliva Guerra

Do ultimo numero da revista literaria «Portugalia», de que é director o escritor sr. dr. Fidelino de Figueiredo, recortamos alguns trechos dum artigo da brilhante poetisa sr.ª D. Oliva Guerra sobre a «Condessa de Noailles»:

Instigações intelectuais não faltam á ilustre poetisa. Filha dum pai orador e duma mãe musicista, recebeu dum a eloquencia verbalista com que se enriquece a estructura magnificente dos seus versos, do outro a harmoniosa luminosidade, a euritmia cadenciada na distribuição dos valores sonoros, cujo segredo ela possue como ninguem. Nascida no seio duma familia ilustrada e de gostos exigentes, desde muito cedo teve a insinuarem-lhe no espirito as imagens creadoras que a têm acompanhado, pela vida fóra, os espiritos de Corneille e de Racine, que leu avidamente desde a adolescencia, de Vitor Hugo e de Musset, que lhe entraram no coração ao ritmo embalador das ondas do Lago Leman numa epoca da vida em que estas impressões se gravam dentro da alma para sempre; de Lamartine, Chateaubriand, Rousseau e outros, a cujo génio o seu géino sempre foi sensivel. Aos quinze anos, sob a influencia dolorosa duma doença prolongada, embebeu o espirito das ideias de Montaigne, tentando consolar-se na sua moral saudavel, bem como na de Pascal, privando de perto com o espirito de Voltaire, com o de Nietzsche e outros que lhe ajudaram a suportar o peso dos dias maus. De Loti e das suas proprias reminiscencias de menina acusam-se influencias fortes no seu encantado amôr pelo Oriente, facil de apreciar, por exemplo, na poesia *Constqntinople* dos *«Eblouissements»:*

«Ah! si, tiède d'azur, la terre occidentale
Est paisible en été,
Les langoureux trésors que l'Orient étale
Brûlent de volupté.

Vie indolente et chaude, amoureuse et farouche,
Où tout le jour l'on dort
Où la nuit les désirs sont des chiens dont la bouche
Se provoque et se mord.

Que quente orientalismo, que ardores se sentem queimar o sangue exaltado desta grega, que um acaso fez nascer sob o sol latino da França!...

Esse orientalismo, numa vertigem de ignotas ansiedades, funde-se admiravelmente nos seus impulsos creadores com a alegria expansiva e transbordante, que brota como uma torrente irreprimivel do seu helenismo juvenil, que lhe vem em gritos do seu proprio sangue e lhe é reforçado ainda pelas sugestões sorvidas nos quatro volumes da «Vie Littéraire» de Anatole France. A alegria, uma alegria exuberante e moça, coroada de pampanos e de rosas, expande-se numa embriaguez divina pelos seus versos nervosos, como outr'ora na velha Grecia dos bosques de murtas e loureiros se erguia o deslumbramento extatico da vida nos ritmos cadenciados das danças sagradas. Na admiravel «Pièrre à Pallas Athené» pertencente aos «Eblouissements», esse helenismo atinge a sua expressão mais bela, espargindo com uma frescura lirial o filtro estonteante do aticismo:

—«Déesse, un jour, quand mai rosira les corolles
J'irai m'agenouiller devant ces Acropoles.
L'azur sera puissant, limpide, radieux.
Ah! faites-moi mourir sur la terre des Dieux!

Aqui é a filha dos deuses que acorda ritualisando em rimas de oiro as suas ansiedades vagas para o misterio envolvente do passado. E a sua alma harmoniosa de sacerdotisa marca na cadencia estranha dessas rimas, ritmos religiosos de crótalo heleno.

Como Lamartine e Hugo, como Musset e Vigny, a sua inspiração tem roçado de azas abertas o amor e a morte, a natureza e a vida, todos esses temas eternos que sempre teem sido e continuarão a ser os grandes problemas propostos por Deus ao sentimento humano. Mas no dominio sentimental, a sua natureza poetica vai mais longe ainda do que a dos proprios romanticos. E' mais apaixonada, mais calorosa e fremente, põe na expressão das suas concepções um ardor mais forte, um acento de verdade e de eloquencia como até ela as coisas da alma jámais haviam tido.

O amôr da natureza tem na Condessa de Noailles qualquer coisa de vivo, de palpitante, de acessivel a todo o seu ser fisico. Toda ela vibra ao contacto fremente dessa grande alma inominada e panteista que a embriaga de luz e de perfumes, que a estreita num abraço quasi carnal, numa intimidade tal que a natureza parece viver já toda dentro dela propria:

«Je suis pleine d'élan, d'amour, de bonne odeur,
Et l'azur à mon âme mêle si bien sa trame,
Tout est si rapproché, si brodé sur mon âme
Qu'il semble brusquement à mon regard surpris
Que ce n'est pas le pré, mais mon œil qui fleurit
Et que si je voulais, sous ma paupière close,
Je pourrais voir encor le soleil et la rose...

diz-nos na «Suprise» dos «Eblouissement».

Na sua fórma de tratar o amor a Condessa de Noailles não é tambem menos original, não acusa uma personalidade menos interessante. O amor não é nela um pretexto para chorar os males da vida, não é essa obsessão, essa doença, esse fatalismo pessimista que afligiu como uma praga o Romantismo e que ainda hoje tem sectarios fervorosos. E' antes um grito de triunfo juvenil, uma manifestação entusiastica de vida que, passando para além dum objecto preciso e determinado, abraça no seu impulso criador todo um mundo palpitante de vitalidade e de emoção.

«Tu dis que c'est l'heure de vivre
.....
Que ton Dieu veut qu'on s'énivre
De parfum, de vin et d'amour.

murmura ela em verso num adormecimento de alma... E, num impulso forte de paixão, exclama em prosa no romance «Le Visage Emerveillé», pondo nas mãos da pequena religiosa inexperiente dum convento de claristas, a oração de amor profano que para ela escreve um pintor que a ama:

«Je ne sais rien voir dans le vaste univers qui ne vous soit de tout temps consacré, antique Eros, jeune Amour!

... «Je vous consacre d'abord le Temps immortel et les plus beaux âges de la vie depuis l'enfance, qui sous son chapeau penché, flottant, semblamble à un léger toit de paille, essaye dans les jardins, sur les tendres framboises, le futur baiser».

OLIVA GUERRA


*A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs*

deseja aos seus Ex.mos Clientes **BOAS FESTAS E UM ANO FELIZ**

agradecendo a preferencia que tem sido dispensada aos primeiros TAXIS postos ao serviço do publico

**OS TAXIS «CITROEN»** (de palhinha)

**Pedidos pelo Tel.: N.º 5528 — Escritorios e Garage, rua Almirante Barroso, 21**


# Mundanismo

## Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Condessa do Cartaxo (D. Maria), Condessa de Campo Belo, D. Sára da Mota Vieira Marques, D. Mary Andresen de Bregaro, D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, D. Adalgiza Pinto Leite Salusse, D. Angela Velez Caldeira, D. Adelina Pinto Leite da Fonseca, D. Maria das Dores Pais de Saude e Castro e D. Maria da Madre de Deus de Queiroz de Melo e Castro Fava.

E os srs.:

D. José Maria de Queiroz de Lencastre, Tomaz Reynolds, Manuel Pedro Van Zeller Guedes, Rui Gomes Palma Jervis de Atouguia e Manuel Martins de Sousa Caraça.

E depois d'amanhã as sr.as:

Condessa de S. Miguel, D. Francisca Pereira da Silva de Menezes (Bertiandos), D. Maria Henriqueta Infante da Camara Taborda, D. Stela Jardim Hintze Ribeiro, D. Julieta Sofia Cerqueira de Vasconcelos Ribeiro de Menezes, D. Maria Elisa dos Santos Leitão, D. Julia Pereira de Lima Cayola, D. Maria da Conceição Pereira da Cunha e D. Maria de Sales da Camara Berquó.

E os srs.:

Gaspar da Costa de Vilhena Coutinho e Joaquim José Duarte Guimarães.

## Casamentos

Realisou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Amelia Ferreira de Mendonça e Brito, gentil filha da sr.ª D. Clotilde Ferreira de Mendonça e Brito e do sr. Artur de Mendonça e Brito, já falecido, com o sr. Antonio Inacio da Fonseca, filho da sr.ª D. Elvira da Fonseca e do sr. Julio Cesar da Fonseca, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o avô materno da noiva sr. Guilherme Augusto Ferreira e o pai do noivo.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

—No dia 14 de Dezembro, realizou-se em Braga, na igreja do Sameiro, o casamento da sr.ª D. Albertina Augusta Gomes Rebelo de Moura, filha da sr.ª D. Olinda das Neves Rebelo Gomes de Moura e do sr. dr. Custodio Francisco Lourenço de Moura, com o sr. José Luciano de Seixas Fidalgo, comerciante em Lourenço Marques.

Foram padrinhos por parte na noiva, seu avô sr. dr. Diogo Gomes de Carvalho e o sr. dr. Luis da Cruz Ferreira; por parte do noivo, a sr.ª D. Mariana da Silveira Vaz de Meneses Sampaio e Melo Azeredo e seu marido sr. João Carlos de Azeredo Lobo e Vasconcelos (condes de Leiria).

Terminado o acto, foram os noivos para o hotel do Elevador onde, oferecido pelo pai da noiva, foi servido um magnifico bouquete. Na «corbeille» da noiva admiravam-se lindas e valiosas prendas.

Os noivos seguiram para o Bussaco e dali em viagem de nupcias pelas principais cidades da Europa.

## A caridade

### *Baile de subscrição*

E' cada vez maior o entusiasmo entre as familias da nossa aristocracia para o baile de caridade, que na noite de 2 do proximo mês de Janeiro, se realiza nas salas do Avenida Palace, em beneficio de varias obras de beneficencia.

A comissão organisadora é composta das senhoras: D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Amelia de Abreu Saraiva, D. Maria Amelia de Lancastre (Freitas), D. Maria Carlota de Sommer Viana, D. Maria Eugenia de Araujo Perestrelo, D. Maria João Zarco da Camara (Ribeira Grande), D. Maria Luiza Meiselas e D. Sofia Bleck de Lancastre (Louzã).

Durante a noite far-se-ha ouvir a esplendida orquestra «jazz-band» «Fabre».

As pessoas que não tenham ainda recebido bilhete de convite poderão requisitá-los a qualquer das senhoras acima mencionadas ou telefonar para N. 1040.

### *Chá dançante*

Pede-nos a ilustre comissão de senhoras solteiras que na tarde de sabado, 19 do corrente, levou a efeito nas salas do Avenida Palace, um «chá dançante» a favor da benemerita instituição de caridade «Florinhas da Rua», primeira festa de caridade deste inverno, a publicação das respectivas contas:

RECEITA:

| | | |
|---|---|---|
| Rendimento de entradas | | 4.017$00 |
| Venda de bilhetes de chá e trocos deixados | | 1.270$00 |
| Soma da receita | | 5.287$50 |

DESPEZA:

| | | |
|---|---|---|
| Selos do correio | 49$50 | |
| Porteiros | 80$00 | |
| Impressos | 84$50 | |
| Orquestra | 400$00 | |
| Ao Avenida Palace 132 chás, assistencia e gorgeta aos criados | 1.143$00 | 1.757$00 |
| Total liquido | | 3.530$50 |

Pela mesma comissão foi entregue á direcção das «Florinhas da Rua» a quantia liquida acima indicada, e mais a importancia de 1.090$00 de bilhetes não cobrados.


**Retratos grandes**

**(Ampliações)**

Quem melhor as executa é a Fotografia Brasil

**R. da Escola Politecnica, 141**

**Bank Of London & South America Ltd.**

Os escriptorios d'este Banco em Londres, que até aqui se achavam instalados em 7 Prince Street, e 25-31 Moorgate, mudaram para o novo edificio em 6, 7 & 8 Tokenhouse Yard. E. C. 2. E' este o endereço d'ora avante da Séde d'este Banco em Londres.

**Club dos Patos**

A Direcção deste club participa aos Ex.mos socios que reabre as suas salas hoje, com um jantar de gala e **Grand Reveillon** e a inauguração do **American-Bar**, com **Thé-Dansant.**

O Bar está a cargo dum afamado **Barman du Chatan de Paris.**

Os serviços de restaurant e Bar são dirigidos por Mr. Ercol, do Café Suisso.

OPINIÕES LIVRES

# PAGINA

## *de Quinta Feira*

## por Norberto de Araujo

## O POVO, A HUMILDADE E O LIVRO

A proposito do meu ultimo livro, esta novela do amor humilde, que não precisa ser posta em titulo, e é assim mesmo humilde e amor em novela, tenho lido e recebido — como todos os autores recebem — palavras amigas, palavras criticas, gentis ou simplesmente noticiadoras, e tambem algumas cartas.

Das cartas, e meia duzia são de gloriosos, consagrados nomes, umas com mais alma, outras com mais visão, ainda outras com mais sensibilidade, quero registar — e sobre ela traçar esta pagina — uma de um amigo velho e distante, que não faz letras e se limita a ler. Diz este bom velho, como eu, de trinta e tal anos:

«O teu livro, Norberto, é um livro do povo e por isso te saiu belo. Fóra do povo nada se consegue. Se tu rebuscasses o povo havias de encontrar nele novos motivos de graça e novas inspirações...

Etc.»

Este meu amigo, cujo nome é anonimo, talvez não tenha razão. E eu vou dizer em resposta a ele e em resposta a muitos.

* * *

Tenho dito e redito, democraticamente sem dar por isso, que Povo somos nós todos, e que até as «elites» são Povo. Por «elites» se entende no nosso país as castas privilegiadas do sangue e da fortuna.

Eu tenho ha muito estabelecido por inteligencia, e por intuição que a inteligencia reforça e a observação confirma, que «elites» só as ha dentro da esfera do espirito e da cultura intelectual. Notem que não confundo, nem tolero que se confunda, cultura com erudição. Os eruditos são pessoas estimaveis, uteis, necessarias se quizerem (que eu dispenso-as), e que reduzem a beleza e a vida, a uma mecanica de conhecimentos inexactos.

A cultura é uma verdade. A erudição, que lhe devia estar por cima—um equivoco. Acredito num homem culto. Duvido de um homem erudito. Porque a certa altura o muito saber é embriaguez.

As «elites», pois, serão quanto a mim, os que se distinguem pelo saber exacto e pelo pensamento sobrio. Os labirintos não me interessam, e entram no campo do excentrico.

Não quero dizer que os eruditos não tenham o direito de existir, e eu o direito de os comprar para aprender, sem me equivocar. Desejo porém colocar os eruditos á margem das «elites»—talvez porque as excederam.

Em conclusão: a «elite» portuguesa suponho encontra-la nos que pensam, souberam, sentem e vivem do espirito adquirido, e constantemente a adquirir, e nunca, por privilegio absurdo, no dinheiro e nos pergaminhos.

Isto é—e fica repetido de artigos anteriores — «elite» do povo pode ser o sr. Conde de Sabugosa—que é como se fôsse vivo—e pode ter sido o sr. Rey Dom Denis. Quem nunca será «elite» da Nação — é o «quidam» que use brazão, tenha fundos em Londres, e seja burro como um çapato (escrevo sapato á antiga).

Partindo deste principio não ha povo nem aristocracia, burguezia nem fidalguia. Ha Nação.

Para o meu livro, dado o seu intuito teatral e humanissimo, o que eu escolhi não foi povo, mas humildade.

Percebeste, meu amigo?

As emoções da minha *Noveia* tanto cabiam num livro enquadrado na Alfama, tal qual este, como num livro enquadrado na Lapa. A alma é que é o barro. A alma é que compõe, é que lê, é que percebe.

E a alma está em toda a parte e em nenhures. Por isso o Jaime Brasil, que foi quem primeiro escreveu sobre o livro, disse que quem choraria sobre ele não seriam as mulheres para quem eu o escrevi, mas outras, outras muito diversas.

Este meu amigo, que tem uma sensibilidade, julgava que eu escrevia só para um povo convencional, um povo «social», um povo de proclamação revoltada.

E eu escrevi para a alma de toda a gente, para as almas vivas e para as almas tenues, para as mulheres fidalgas e para as mulheres de trazer pela rua, para as inteligencias completadas e para as inteligencias simples. Povo—meu velho!—é o paiz inteiro. Povo—é a humanidade toda. Quem chora, ama, luta, resiste e trabalha é que é gente. O resto—não sabe lêr.

* * *

Em literatura o que distingue as predilecções não é o assunto, mas a fórma. Se eu quizesse ter escrito á maneira modernista ou á maneira preciosista ou á maneira academica—tinham-me entendido meia duzia, mas não me entendia o povo.

E' tempo de começarmos todos a escrever em lingua que o povo entenda. O quadro pode ser a Alfama, o claustro, as Avenidas Novas, a viela sem nome, Buenos Aires ou a Calçada da Graça. O que é preciso é que seja entendido. Pelo povo? Não. Pelas almas.

Se eu podesse—e merecesse a pena—reportava-me ao teatro. O segredo de Marcelino, de João da Camara, de Lopes de Mendonça, de Dantas, até de Cortez, o mais representativo e o menos compreendido dos novos—é aquele. Isto é: falar ás almas.

Onde a alma não recebe, a Arte perdeu-se em curvas de palavras. Resta-lhes um Museu.

Alguem dizia-me ha tempos, a proposito de um trabalho de um consagrado escritor do nosso tempo, da minha admiração literaria: «é bem feito, e em muito bom português. Mas parece espanhol».

Não percebi de começo, mas depois entendi muito bem. Já uma criança me dizia numa cidade francesa: «aqui todos falam francês, mas ninguem se entende».

Todos — eram portugueses. Pois nós entendiamos lá aquilo! Pois então não sabem que ha outra linguagem que acompanha as palavras, ditas ou escritas, e que é ar, ambiente, luz, calor, que não se chama idioma, não tem dicionario, e vive na expressão do olhar—unica dinamica do pensamento e unica eloquencia do entendimento expresso?

Abençoadas titulos dos livros de Camilo, como eu vos quero bem, livrinhos da minha alma!

* * *

E sobre a humildade, meu velho...

A humildade não está apenas nos bairros humildes, ou nos humildes barrinhos dos oleiros do povo. Uma humildade cabe dentro de um palacio, como uma arrogancia dentro de uma choupana.

Eu sei de figuras humildes vivendo á sombra dos jardins aristocraticos. Conheço-as nos interiores calafetados, nos salões tepidos, nas estufas snobs do mundanismo. A humildade, meu velho, é uma flôr muito rebelde para que se queira só a dentro da beleza panoramica, contemplativa dos arruamentos excentricos. Num telhado da antiga judiaria pode nascer uma rosa, levada nas azas lavadas do vento. Num canteiro de vivenda feudal nascerá um malmequer vadio que uma petiza, á porta de uma alfurja da Fonte Santa, saberia desfolhar prematuramente por um imaginario principe.

Nem a rosa se perdeu, nem o malmequer. Quando a gente lê nas novelas curtas que uma infante se encontrou num lupanar e uma plebeia num salão doirado, custa-nos saber se eles estavam nos seus lugares.

A humildade reside bem em toda a parte onde se coloca, e Deus é que destina estas coisas. A humildade do meu livro está onde a alma dos leitores a poz, hoje em Santa Clara, amanhã na Madalena, em Paris ou em Lisboa.

O que é necessario é que o assunto seja assim, o ambiente assim, a maneira assim, a verdade assim. Não estou a defender um livro; estarei se quizeres, meu velho, a definir-te um processo.

E dizias tu:

—Fora do povo nada se consegue...

Está bem, afinal. O povo, alma da gente, aninha-se em qualquer parte. No canto de uma viela, no largo de uma feira, no coração de uma flor.

Em qualquer parte, menos onde ha gente igual, que trivializa a vida, secando a emoção, unico encanto da terra, á força de cuidados pragmaticos e á mingua de agua.

Que se não seque nunca o fio de agua da tua e da minha fonte—meu amigo.

*Norberto de Araujo*

**Rebuçados Peitorais Dr. Centazzi**

**Os melhores para a tosse, catarros e bronquites**
**Livres de essencias artificiais**

**Cuidado com as imitações**

**Pedir em toda a parte**

**Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados que, com o papel, imitam o nosso**

**Monumental Club**

«Palacio S. Luiz»

A Direcção comunica aos seus Ex.mos socios que se realisa hoje o Réveillon du Nouvel An pedindo o favor de reservarem as suas mesas.

**PEÇAM CHAMPAGNE IRROY**

Distribuem-se

# 100:000 livros gratis

que tratam dos celebres

MEDICAMENTOS ALEMÃES DO CURA

# HEUMANN

O livro HEUMANN tem mais de 280 paginas com mais de 130 gravuras, tratando da origem, sintomas e cura das enfermidades do

| | |
|---|---|
| Estomago, | Herpes, Eczemas, |
| Nervos, | Prisão de ventre, |
| Pulmões, | Ulceras varicosas, |
| Bronquios, | Esfriamentos, |
| Bexiga e rins, | Diarreia, Sarna, |
| Anemia, | Debilidade, |
| Dôr de cabeça, | Arterio-esclerose, |
| Hidropisia, | Tosse, Asma, |
| Solitaria, | Hemorroidas, |
| Raquitismo, | Figado, Bilis, |
| Gota, | e muitos outros |
| Reumatismo, | padecimentos. |

200 certificados de medicos alemães e mais de 150:000 cartas testemunhos de curas obtidas provam á evidencia a eficacia dos medicamentos alemães do Cura Heumann, que era um homem que reunia em si sciencia e a caridade. Estes medicamentos são hoje preparados debaixo da direcção tecnica de medicos, farmaceuticos e quimicos segundo os mais modernos inventos da terapeutica nos Laboratorios do L. Heumann de Nuremberg — Alemanha.

Estes livros não devem faltar em casa alguma, especialmente para os que habitam pequenas povoações sem medicos e sem farmacias.

Unico depositario em Portugal:

**Farmacia Cunha**

R. da Escola Politecnica, 16-18—Lisboa

O livro do cura HEUMANN entrega-se gratis na Farmacia Cunha; mediante o bonus do anuncio. Igualmente gratis e envia á provincia. Envie-se o bonus em cartafechada com um selo de 40 centavos.

BONUS para recortar

G

A' Farmacia Cunha

Telefone Norte 4006

Rua da Escola Politecnica, 16-18 — Lisboa

Remeta-me gratis e sem mais despezas um livro HEUMANN

Nome _____

Profissão _____

Morada _____

Concelho _____

(Escrever sempre bem legivel)

---

Tele { fone C. 3013 / gramas Caulino
Codigo Ribeiro 1925-1926

## Armazens Pestana dos Santos Limitada

Cumprimentam os seus Ex.mos Amigos e Clientes, desejando-lhes muitas prosperidades no Ano Novo

LISBOA--R. do Corpo Santo, 12 a 18

---

# Fabrica Nacional de Borracha

Bravamente a abertura dum novo deposito de vendas na Calçada do Marquês de Abrantes, 5, onde, desde já, até ao fim do ano, se encontrará á disposição do publico um grande saldo de brinquedos e outros artigos de borracha.

---

## FABRICA NACIONAL DE BORRACHA

# NATAL
— E —
# ANO BOM

GRANDE DIVERSIDADE DE BRINQUEDOS DE BORRACHA E CELULOIDE

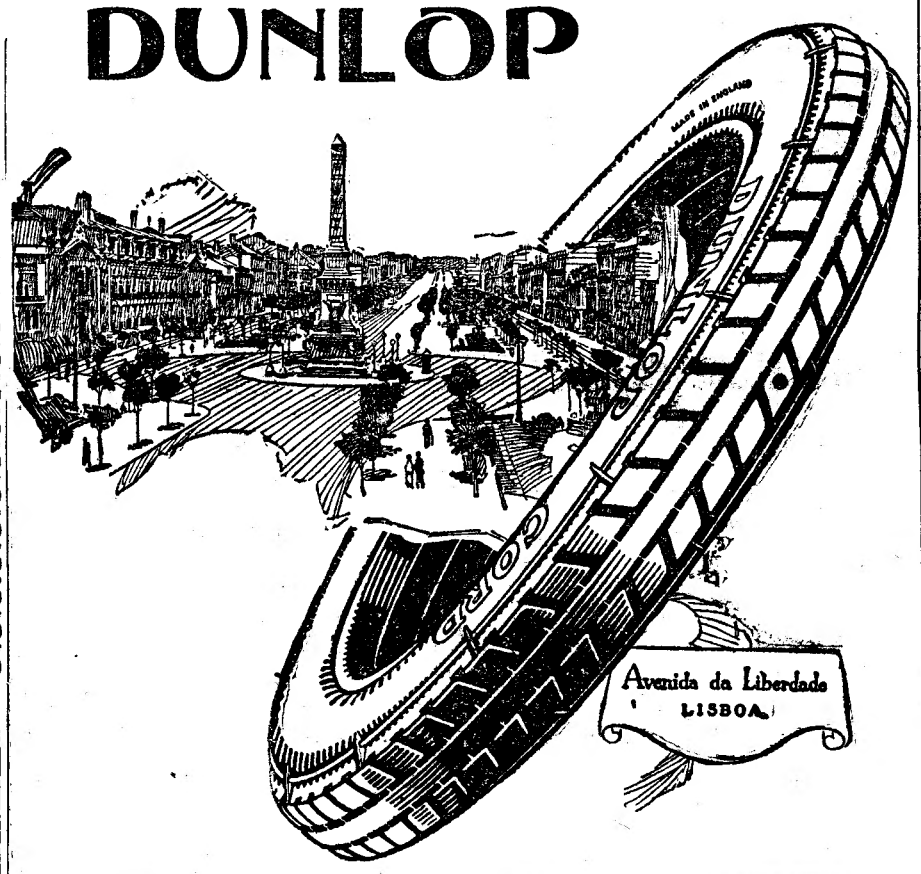
DEPOSITO DE VENDAS

275 --- RUA DA PRATA --- 275

LISBOA

---

# DUNLOP




---

## POLAINAS DA MODA

Fazenda ingleza a 30$00, desconto para revenda; é o melhor brinde actual. SAPATARIA DUQUE, Rua do Ouro, 294.

---

# Pensão

Esc. 210$00. A prestações. Almoços a 4$00. Jantares a 5$00 e serviço á lista.

## Liége da Bica, 72

---

# GRATIS

JOIAS--OURO--PRATAS

Por cada 10$00 de compras feitas na nossa casa distribuiremos uma senha numerada que habilita os portadores a receberem os nossos premios em Joias e Pratas que serão sorteados pela loteria de 31 de Dezembro.

Colossal variedade em estojos com pratas para presentes de Natal.

**Habilite-se gratuitamente aos nossos BRINDES.**

Fazendo durante este mês as suas compras na Ourivesaria e Joalharia de **Vasconcelos & Guimarães, Limitada.**

**RUA DA PALMA, N.º 13**

---

# PAPEIS PINTADOS e CARPETES

A' maior colecção, a preços excepcionais

MIGUEL DOS SANTOS L.DA

102—RUA NOVA DO ALMADA—104 | Tel. C. 603

---

# José Lopes da Silva

FALECEU

Maria da Conceição Silva, Elvira da Conceição Silva, Deolinda da Conceição Silva, Deolinda da Silva Moura, seu marido e filha, Laura Lopes da Silva e Alda Lopes da Silva, participam a todas as pessoas de suás relações e amisade o falecimento de seu chorado marido, pae, irmão, cunhado e tio, e que o seu funeral terá logar amanhã, 1, pelas 15 horas, da rua Infante D. Henrique, 69, r/c para o Alto de S. João.

Trata deste funeral a agencia Marques & Gil, Rua do Limoeiro, 19.—Telefone C 4379.

---

# DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20

C. da Gloria, 15—T. N. 4457

*Director*

## Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.

Aberto das 8 ás 13 horas.

Consultas das 10 ás 12 horas

---

## Amelia Ribas

Modista de Chapeus

RUA ARCO DE BANDEIRA, 33

---

**MAPLES** POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE A 480$00 FABRICAÇÃO GARANTIDA

TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, LOJA

---

**MAPLES** POR CONTA DO FABRICANTE Lindos modelos

SOUSA E BRITO—182, RUA DA ROSA, 190

---

**Sortes grandes?**

só o **PINA** as vende

**75 — Rua de S. Paulo — 77**

---

## Antonio Bragança de Carvalho

FALECEU

Sua familia participa o seu falecimento e que o funeral se realisa amanhã, ás 9 da manhã, saindo da Igreja de S. Domingos para o Cemiterio Oriental (Alto de S. João).

PAGINA SEMANAL

# Teatro e Belas Artes

## por Artur Portela

### A HOMENAGEM a Augusto de Melo E UM "TRUST,,

Augusto de Melo, que os leitores mais velhos do que eu conheceram em toda a pujança duma arte distinta, elegante, equilibrada, mais de inteligencia que de instinto; «dizeur» como Augusto Rosa, do drama antigo, como Brazão; da comedia palaciana, nos bons tempos do D. Amelia, como Alexandre de Azevedo—vive modesto, exilado, sósinho do teatro.

Nada ha mais tragico para um artista do que morrer em vida. Morrer para a sua arte. Morrer para o seu passado. Vêr o espelho onde os outros se reflectem e não encontrar a sua imagem! E' um pouco do pão espiritual que falta. A fome dos nervos, da sensibilidade, do poder da creação que começa entre quatro paredes e uns tantos amigos á roda do doente que respira, tem saude, alma para lutar, mas mesmo assim inc paz de ir mais além. Augusto de Melo não se exilou a tempo—exilou-se fóra do tempo. O teatro precisa dele—e ele precisa do teatro.

O tempo embranqueceu lhe os cabelos, mas vinte anos de sangue correm lhe nas veias, com entusiasmo, com alegria, com tumulto. Teimou em fugir, em ser ele proprio a fechar a tampa do sepulcro, a enterrar-se no silencio, neste silencio indiferente que todos nós fizemos á sua volta, sem rasgar uma fenda de homenagem—ainda que escassa. Mas fomos nós? Nós que escrevemos, que detemos a maior força da vida e do pensamento—a palavra escrita, tão mal paga, tão odiosa e tão escarnecida?

Não! Lembro me que o *Diario de Noticias* lançou a ideia duma homenagem a Augusto de Melo e que era José Sarmento quem insistia por ela. Muitas linhas se escreveram, mas não houve gesto expontaneo, acção, decisão de comediantes ou «habitués» de teatro a dar corpo á iniciativa. Passaram os meses. Um dia, em Sintra, num banquete da revista *de Teatro*, Augusto de Melo—falou.

Recordou a scena. Era pungente a sua saudade. Creio que chorou. Se não chorou, a sua voz tremeu num soluço. Vergou mais a sua cabeça aureolada de neve e cuidados, mas voluntariosa ainda, como devia ser a de Artagnan se acaso existiu.

Quasi um ano depois, Carlos Leal escreve ao *Diario de Lisboa* uma carta a relembrar o nome do comediante ilustre da Casa de Garrett. O jornalista cumpriu o seu dever. Mas o publico de palco e de fóra do palco, não soube cumprir o seu. Vão hoje mais algumas palavras. Palavras minhas a apontar, a dizer, a recordar, palavras que eu desejaria se multiplicassem como ecos, que entrassem, anonimas, nos bastidores e anonimas andassem na rua. Augusto de Melo não pode «morrer» assim. Tem ainda uma hora a viver—a da consagração justa, proporcionada, eloquente, sincera e, sobretudo, afectiva.

Augusto de Melo—é uma vida de trabalho. E' uma vida de escola, rarissima como exemplo de continuidade, de ascendente intelectual, de cultura exata, larga, ministrada a duas duzias de artistas que ele, como ninguem—ensaiou, dirigiu, orientou.

E' preciso fazer essa homenagem. Que não seja de um unico jornal, nem de um unico jornalista. Que seja de todos e apenas com um unico nome: o de Augusto de Melo.

Numa terra em que se fazem homenagens com intuito de elas se refletirem nos que as promovem—a consagração de Augusto de Melo, pode, saindo fóra das regras comuns da banalidade elogiativa, ser uma bela festa de teatro—de teatro antigo, teatro á epoca, teatro de todos os tempos quando é bom, forte e grandioso.

* * *

**Um «trust».**—Ainda bem que não foi por diante a peregrina ideia dum «trust» teatral. Não discuto as intenções das criaturas que o pretendiam organizar. Talvez fossem aceitaveis e regulares. Talvez tivessem mesmo vantagens para todos—e vantagens excedentes.

Mas um «trust» de teatros, em Lisboa, é uma ideia inverosimil. Inverosimil, por falta de materia prima. Inverosimil, porque podendo quando muito ser feito para um genero de teatro, não podia de modo algum abranger todos os generos. Suponho que era isto o que se pretendia.

A lei artistica, definida, obrigatoria, se começasse a ser escrita—só tinha vantagens para quem a escrevesse. A crise do desemprego avultaria enormemente e a camaradagem, já de si tão escassa, entre artistas seria substituida por uma guerra de morte—que se reflectia, sobretudo, nos palcos. O salario minimo, póde e deve ser uma regalia a conquistar pelos interessados, quando ele corresponde a um aumento de vencimentos, mas de modo algum é defensavel quando se torna regressivo.

O teatro tem encargos de mais? De mais e a mais. Sendo assim, façam os nossos emprezarios o que fizeram os espanhois, o que estão fazendo os franceses, por intermedio do Parlamento: menos taxas, menos impostos, menos sêlos.

O fisco é odioso, sempre odioso, mas é-o muito mais, quando se aplica ao produto e ao trabalho artistico. Mata-os a ambos. E' a dinamite sem fragor, a polvora sem fumo.

O teatro é, e será sempre, uma roda de fortuna, onde a lotaria do sucesso gosa imprevistos de magicas. Se por vezes a roda desanda, é que a engrenagem não está bem lubrificada. Que falte tudo, menos o oleo lubrificador—e esse é o artista. Para haver um funeral, é preciso haver um morto, diria La Palisse; para ter teatro é preciso ter artistas, Dele é que radia tudo—emprezas, publico, senografos, carpinteiros, etc.

Quando se tiver de tocar em alguem, guardemo lo para o fim, já que é o primeiro. Ainda ha recursos a tentar—e muita esperança, muito teatro, muita arte a realisar brilhantemente.

O «trust» morreu! Bem hajam os que o aniquilaram e aqueles que, nobremente, reconheceram como errada uma quimera que se lhes afigurou sedutora.

* * *

**Teatro Nacional.**—A casa de Garret está em crise. Crise esperada e forçada. Por culpa dos artistas? Não. Por culpa do Estado. O Teatro Nacional, sem subsidio, é um teatro morto. E' mesmo inutil.

Tudo isto se sabe. Constitue mesmo o processo de perdas e danos do Nacional. Os que governaram o teatro, nas epocas transactas, arruinaram-se.

Lino Ferreira, empenhou-se, mas salvou a parte artistica. Teve peças, teve scenarios. Teve artistas. A experiencia a cada passo, isto é, cada dia, com razões fatais e inuludiveis, demonstrava a todos nós que a Casa de Garrett—era um moribundo. Pois bem: este ano, á força de leis, o teatro foi forçado a abrir. Substituiu-se a direcção por uma gerencia, para que Luis Pinto tivesse um lugar compativel com as suas qualidades de trabalho. Mas falta o «right man in the right place». O reportorio começa a correr, a correr mal, incerto. Improvizam-se peças. Pensa-se em traduzir todo o teatro estrangeiro de um dia para o outro.

A companhia trabalha com afinco, mas não recorre a elementos estranhos de que carece. A certa altura—os artistas sacrificam-se. Dispensam os ordenados. Foi um bem? Foi um mal? Não sei. Foi um erro. Um erro nobre, mas um erro, em que creio não ter havido vaidades, mas apenas ingenuidades. A exploração prossegue, mas, como em casa onde não ha pão todos ralham e ninguem tem razão—os primeiros conflictos esboçam-se. A proposito de tudo, a proposito de nada. Aboa espectativa dos criticos dramaticos é alterada por polemicas suscitadas por quem de direito—mas noportunas. O Teatro Nacional começa a sossobrar envolto na sombra da desgraça.

E agora? Exgotados todos os expedientes, surgem os recursos... tardios. E' ainda possivel reabrir o Teatro Nacional, levar mesmo a exploração até ao fim do ano. Mas como? Em que condições? Para se ter teatro de escola é necessario que o governo ajude. E' este o seu dever. A não ser assim, só ha um remedio: exploração livre, exploração popular—farça ou comedia. São estes generos compativeis com as tradições do teatro? E' ocioso responder. Renunciar a essas tradições é transigir, e para transigir mais vale adjudicar aquela casa de espectaculos a quem dê garantias de manter os artistas que lá trabalham.

Quanto a mim, o problema deve ser resolvido pelo governo. Uma unica lei inteligente, clara, facilmente legivel e um largo subsidio anual—eis as duas coisas porque devemos pugnar. O resto são paliativos, recursos de ultima hora, expedientes efemeros, balões de oxigenio que podem prolongar uma agonia, mas que não salvam um doente irremediavelmente perdido Ataque-se a questão do Nacional, com coragem, decisão e sinceridade.

*Artur Portela*


**"Bal-Tabarin"**

**A ESTREIA DE ARGENTINA**

E' hoje que no «Bal-Tabarin» se estreia a espanhola Argentina.

Continua com grande exito a formosa cancionista Irma, que todas as noites é aplaudidissima.

Brevemente, novas estreias.

O baile, todas as noites está animadissimo e o serviço de restaurante é dos mais bem confeccionados de Lisboa.

**"Alster-Pavillon,,**

**O "Reveillon,, desta noite**

Está fazendo enorme sucesso a colossal bailarina Corail Rose, que tem sido muito aplaudida nos seus interessantissimos bailados internacionais, o mesmo sucedendo á formosa coupletista Paquita Areas.

O «Reveillon» desta noite deve estar animadissimo, a calcular pelo numero de mesas que estão marcadas.

O baile promete ser deslumbrante.

NORBERTO DE ARAUJO

**NOVELA DO AMOR HUMILDE**

**Edição magnifica de Aillaud**

**O amor no povo—A nobresa digna**

**Romance inedito de emoção e belesa**

**Miss Henderson**

Professora de nacionalidade inglesa. Dá lições em sua casa e fora.

**T. do Alecrim, 3, 3.°**

**Janotas???**

Quereis vestir bem e barato? Mandai virar vossos fatos e sobretudos por Madeira, alfaiate. Aceito fatos a feitio. Rua do Mundo, 81, 3.° Telef. 487 C.

**DR. MIGUEL DE MAGALHAES**

**Monitor da clinica de Necker—Paris**

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis

T. N. de S. Domingos, 9, 1.°, ás 15 horas

TELEFONE 5205-N.

**DR. ARMANDO NARCISO**

**Medicina, tuberculose e sifilis**

**Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.°**

**(A' Rua do Amparo)--Telf. 5205 N.**

**Dr. Thomé de Lacerda**

**DOENÇAS DO ESTOMAGO, INTESTINOS E FIGADO**

**CLINICA GERAL**

**R. 1.° de Dezembro, 101, 2.°—Tel. 3090 N.**

**Vacaria Aurea**

Esc. 1.000$00 a quem no seu estabelecimento provar que o Leite não é puro.

**Rua do Crucifixo, n.os 135 e 137**

# Banco de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

**CAPITAL 13:500.000$00**

**SEDE EM LISBOA**

RUA DO COMERCIO, 148

**(Vulgo CAPELLISTAS)**

**CAIXA FILIAL no PORTO**

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açôres e Madeira, na Covilhã e Guimarães, na Figueira da Foz e em Setubal.

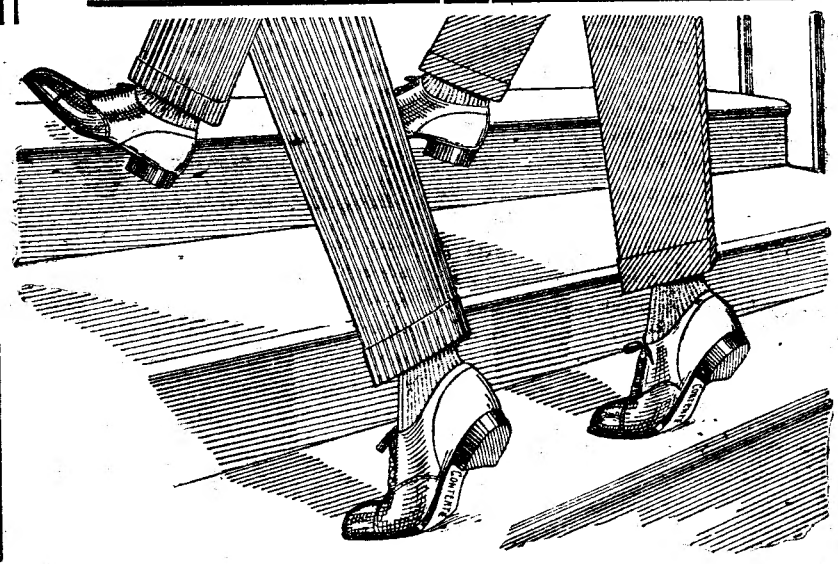
**Correspondentes nas principaes terras do País. Correspondentes nas Praças principaes da Europa e do Brasil**

**OPERAÇOES** — Descontos, transferencias, emprestimos e creditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus Estatutos.

Compra e venda de cambiais, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

# PORQUE NÃO COMPRA V. EX.ª OS SEUS CALÇADOS Á SAPATARIA CONTENTE LTD.?

**V. Ex. não deve entrar no novo ano sem calçar os Calçados Contente!**



Sempre os ultimos modelos de Paris e Londres

# Sapataria Contente Ltd.

**74, RUA DO CARMO, 74**

**ARMAZEM DE DROGAS**

**Tintas, Vernizes. Productos chimicos e Pharmaceuticos**

**PERFUMARIAS BROCHAS E PINCEIS**

**DEPOSITO DO CASSIONOL ALVAIADE MARCA «ANGÓRA»**

ENDEREÇO TELEGRAFICO «ALMÕES»

# Alves & Simões

Sucessor, Limitada

**ESCRIPTORIO**

**Rua de S. Paulo, 216, 1.º**

**TELEFONE 3028 C.**

**DROGARIA**

**210, Rua de S. Paulo, 212**

**TELEFONE 2717 C.**

# Empreza Electrica, Limitada

**ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone, 90**
**SINTRA—Telefone, 28**
**LISBOA—Rua da Prata, 120-122. Telefone, central 3198**
**LISBOA—Oficinas: Largo de Santa Marinha, 26. Telefone, central 3198**

**ELECTRICIDADE**

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafóniers, Telefones, Pára-raios, Ventoinhas, Motores, Bombas e material electrico.

**MATERIAL SANITARIO**

Encanamentos para agua, gaz, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para consultorios e laboratorios.

**Reparações em aparelhos electricos**
**Orçamentos e desenhos**

# Companhia de Seguros "Fidelidade"

**Largo do Corpo Santo, 13, 1.º — LISBOA**

**TELEF.** { Direcção 1719-Central / Expediente 388-Central

Endereço telegrafico «Fidelidade»

| | |
|---|---|
| **Capital emitido** | **1.344.000$00** |
| **Reservas** | **2.700.000$00** |
| **Prejuizos pagos** | **6.731.841$50** |

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas agencias

# Companhia Nacional de Navegação

## Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental Portugueza e a Africa Oriental Portugueza.—Saidas de Lisboa em 1 de cada mez para os portos da Africa Ocidental e Oriental.—Saidas de Lisboa em 15 de cada mez, para todos os portos da Africa Ocidental—Saidas extraordinarias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga, sempre que as circunstancias o exijam.

**FROTA DA COMPANHIA—Paquetes:** «Nyassa», 8965 toneladas; «Angola», 8315; «L. Marques», 6355; «Moçambique», 5771; «Africa», 5491; «Pedro Gomes», 5471; «Luabo», 1385; «Chiade», 1382; «Manica», 1116; «Bolama», 985; «Ibo», 884; «Ambriz», 858.—N. B.: Os ultimos 6 vapores são empregados no serviço de cabotagem.

Vapores de carga—«Cubango», 8300 toneladas; «S. Thomé», 6350; «Cabo Verde», 6200; «Congo», 5080.

**REBOCADORES NO TEJO: Tejo, Douro e Cabinda.**

Todos os vapores d'esta Companhia teem frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rapidas e comodas.

**Escriptorios da Companhia—LISBOA: Rua do Comercio, 85. PORTO: Rua da Nova Alfandega, 34.**

Agentes na Europa—ANVERS, Eiffe & C.e, 10; Quai V. Dyck; HAMBURGO, E. Th. Lind, 39; Alsterdam, Europahaus; ROTTERDAM, H. van Krieken & C.ª, P. O. B. 653.

Telefones:—Lisboa, P. B. X., Central 2365 e Central 2370.

## UM GRANDE ESTADISTA PORTUGUEZ

# Antonio José d'Almeida

## entrevistado por um jornal brasileiro

### diz que volta brevemente á actividade politica e que deseja regressar ao jornalismo

O antigo Presidente da Republica, sr. dr. Antonio José de Almeida, uma das maiores figuras politicas portuguesas, concedeu ao jornal brasileiro «Folha da Noite», de S. Paulo, por intermedio do seu correspondente em Lisboa, uma interessante entrevista que a seguir publicamos na integra:

Conversámos ontem com o sr. dr. Antonio José de Almeida, que acaba de regressar do seu estagio de cura em Dax. O eminente cidadão vem, visivelmente, melhor. Talvez mais magro; mas, por isso, mesmo, com um grande ar de mocidade, que só os seus precoces cabelos brancos teimam em querer desmentir.

A alta figura de português e de democrata, que soube deixar a suprema magistratura da Nação sem vêr diminuido o seu prestigio, o que em regra não sucede aos que desempenham essas funções, por mais prestigiosos que sejam ao assumi-las, recebeu-nos com a gentileza que sempre põe no seu trato afavel.

Fidalgo, dessa fidalguia da inteligencia, que é hoje a unica nobre, diplomata na digna acepção do termo, que significa cortezia aliada á sinceridade, o sr. dr. Antonio José de Almeida, teve palavras de muita amabilidade para o nosso jornal e para o nosso director.

Felicitámo-lo pelas suas melhoras, podendo afoitamente dizer-se que as nossas felicitações traduziam as de todos os portugueses, pois em todos os campos conseguiu o ex-Presidente da Republica grangear vivas simpatias.

O sr. dr. Antonio José de Almeida diz-nos:

—Parece que estou um pouco melhor... parece; mas estas dôres não me deixam...

E comprimindo a região afectada pela doença, o nosso ilustre interlocutor faz-nos sentar a seu lado no pequeno gabinete de trabalho, que um claro sol inunda.

—Mas o tratamento a que V. Ex.ª se submeteu?...

—Produziu-me alguns beneficios, que espero serão mais sensiveis, daqui a algum tempo: mas a viagem... esses famosos «vagons-lits», que se anunciam cheios de conforto...

—E as mudanças de comboios no tumulto das «gares»...

—Ainda assim só sofri esse tormento á ida, em Handaya, e no regresso, em Irun. Viajei unicamente acompanhado de minha esposa, e por felicidade, tanto á ida como á volta, o acaso deparou-nos pessoas amigas, que fôram para nós de um carinho e de uma dedicação inexcediveis.

—Portugueses que viajavam?...

—Sim, para lá, os srs. Armando Cortezão e Robles Monteiro, desvelados companheiros de viagem; e para cá, um brasileiro que vira no Rio de Janeiro o que se recordava de ter assistido a um comicio na Lourinhã, no qual tomei parte, sendo ele ainda tão novo que lhe teria eu pegado ao colo... aí por 1905 ou 1906...

Ha um perfume de saudade nesta evocação do ardente tribuno, que continua:

—Fôram muito amaveis, todos, e graças a eles, a longa e incomoda viagem foi-nos bastante suavisada.

—E os resultados dela?...

—Tive em Dax momentos de pessimismo, que reconheço terem sido exagerados. Consultei varios especialistas sobre a minha nevrite, que é o mal que mais me aflige, presentemente, de ha dois anos para cá, e eles nada adiantaram á opinião dos medicos portugueses.

—Mas indicaram algum tratamento?...

—Nenhum. Esta doença, que me acometeu em Julho de 1923 e que,

Antonio José d'Almeida

de então até hoje, me tem torturado, só se cura com o tempo. Já o sabia. Os nossos clinicos, que consultei, não me ocultaram e a sciencia medica em Portugal não receia confronto com o melhor que ha no estrangeiro.

Então, os efeitos das aguas de Dax?

—Só são sensiveis dois ou três meses depois de se fazer uso delas. Já o tinha verificado quando ha anos lá fui. Estive em Dax em Setembro, e aí por Dezembro senti-me muito melhor. Depois, arrastado pelo turbilhão da politica, não repeti a cura no ano seguinte. Aconselharam-me Carlsbad. Fui, e antes tivesse voltado a Dax.

—Assim, no principio do proximo ano...

—Conto estar apreciavelmente melhor, já para Janeiro ou Fevereiro. O artritismo, que já hoje não me incomoda coisa que se aproxime da nevrite, deve ter-se atenuado e as mesmas dôres na zona afectada, combatidas na sua origem reumatica, terão — quem sabe — desaparecido. Até que o tempo opere a sua obra, sofrerei, resignado, a frio... sujeito a todos os caprichos da doença, as terriveis noites de sofrimento.

—Nem ao menos fará uso de analgesicas?

—Não; ao principio ainda tomava aspirina e outros medicamentos semelhantes. Hoje, não; tenho o coração funcionando bem. Os pulmões e o figado estão tambem bons. Os medicos, que me auscultaram disseram que poderia viver até aos oitenta anos, com a condição de ser resignado. E hoje sou-o. E sou um doente disciplinado, porque quero saír desta inacção, quero reingressar na vida...

O sr. dr. Antonio José de Almeida, logo de inicio nos prevenira que não faria quaisquer declarações politicas. Compreendemo-lo.

Acrescentou até o grande republicano que tinha prometido ao «Seculo» a sua primeira entrevista politica e que cumpriria a sua palavra. O momento, porém, não era o mais oportuno para as declarações que tinha a fazer. Não queria lançar, possivelmente, mais achas na fogueira, encontrando-se, como se encontrava, na situação de enfermo, o que o impedia de acudir de prónto, e com a energia precisa, em defeza das opiniões que expendesse, caso houvesse mister disso. Não; de politica nem uma palavra, nem sobre a politica interna, nem sobre a extèrna. Se tivesse de falar, com as suas responsabilidades, ponderaria os seus pensamentos e escrevê-los-ía, não os entregando ás incertezas e imprecisões de uma conversação.

Isto nos disse o prestigioso cidadão, e nós prometemos acatar.

---

O entusiasmo moço que o nosso ilustre interlocutor puzera nas palavras com que formulou o desejo de se vêr restabelecido, levou-nos a ousar preguntar-lhe se se confirmava o seu anunciado regresso á vida publica.

Respondeu-nos afirmativamente, o sr. dr. Antonio José de Almeida, e lembrámo-nos que o ensejo se aproximava, pois mais de um grupo politico o propunha ao sufragio por Lisboa, nas proximas eleições gerais. E o grande democrata, revelando surpreza, diz-nos:

—Mais de um? Sabia que o Directorio do Partido Republicano Português tivera essa lembrança...

—E os radicais independentes tambem. Apresentam o nome de V. Ex.ª ao sufragio pelo mesmo circulo que os democraticos o propõem.

—E os nacionalistas?...

—Os nacionalistas não apresentam, ao que parece, listas suas pelos circulos de Lisboa. Aceitou o Directorio desse partido o convite feito pelo do Partido Republicano Português, sancionando e indicando nomes de marechais seus a incluir nas listas democraticas.

—Não tenho lido jornais. Pouco sei do que vai por cá. E' verdade que os recebo aqui, em minha casa, a quasi todos, mas recomendei que nos guardassem, pois colecciono-os. Para os livros que tenciono publicar conto servir-me dessas colecções, como valioso subsidio.

—Em França não lia V. Ex.ª jornais portugueses?

—Com muita irregularidade chegavam lá. Daí, o encontrar-me alheio a estas coisas da nossa politica. E causa-me, realmente, impressão o saber que o meu nome é submetido ao sufragio, vivendo eu, ultimamente, tão afastado do eleitorado, do povo, e sem que lhe possa ir expôr, agora, os meus pontos de vista...

—Que o povo já conhece, porque homens da envergadura de V. Ex.ª não atraiçôam os principios que sempre defenderam...

—Tem razão; o meu passado de quarenta anos de actividade politica responde por mim. Sou alheio aos partidos e serão republicanos os que votarem no meu nome — isso me basta.

Esta ultima frase do glorioso tribuno traduzia a sua acquiescencia á candidatura que lhe ofereciam. Não insistimos, fieis ao compromisso tomado; mas preguntámos:

—Tenciona V. Ex.ª reingressar, tambem, ao jornalismo?

—A esse respeito dir-lhe-hei que tenho mais saudades disto a que costuma chamar-se a tribuna da imprensa do que propriamente da tribuna parlamentar. O meu maior desejo seria voltar a encontrar-me numa sala de redacção, a trabalhar...

—E voltará; a imprensa portuguesa precisa de jornalistas como V. Ex.ª.

—Não; eu nunca fui um jornalista. Faltam-me as qualidades necessarias para o ser. Orador, traduzia escrevendo os habitos adquiridos na tribuna. O jornalista deve ter um grande poder de sintese, deve ser claro e preciso, imprimindo, embora, uma certa elegancia literaria ao que escreve. Ora, eu...

Protestámos contra a aplicação da tese, e o antigo director da «Republica» atalhou:

—Ah eu sei-o, eu sinto-o. Mas gosto do jornalismo. Um meu condiscipulo de Coimbra, que escrevia admiravelmente e tinha faculdades criticas muito apreciaveis, teimava em ser poeta e fazia versos detestaveis. Bastas vezes observei que se deixasse disso, que aproveitasse as suas faculdades, onde elas poderiam brilhar; respondia-me que «gostava» de fazer versos. Eu sou um pouco assim: «gosto» do jornalismo e o que desejaria ser, realmente — era jornalista.

A conversação prolongou-se ainda alguns momentos e o sr. dr. Antonio José de Almeida, finda ela, ao estender-nos a mão, anquilosada pela doença, voltou a recomendar-nos — «mas de politica nem uma palavra».

HOTEL RESTAURANT BELA-VISTA
(Antigo Restaurant Paris)
S. Pedro de Alcantara, 51 a 55
(Quasi em frente da C. da Gloria)
Abre amanhã este antigo restaurant completamente transformado para um magnifico hotel que contem os seus quartos comodamente confortaveis e bastante higienicos, tendo no 1.º andar uma esplendida sala de jantar.
No rés-do-chão, o restaurant que servirá com o maior asseio almoços, jantares e ceias á lista e em mesa redonda, com cozinha verdadeiramente portuguesa, sob a direcção de um muito hab il cosinheiro. Telef. N. 3586.

Distribuem-se «gratis» 100.000 livros
Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio que publicamos na 6.ª pag.

# A Cidade

Peles para automoveis e maples
Com seis metros de superficie; nas côres: incarnado, castanho claro, castanho fantasia, verde, verde escuro, marron e preto.
O mais chic e o melhor, nos mais convidativos preços do mercado.
FRANCISCO DA SILVA DIAS
R. do Arco do Marquês de Alegrete, 13, 1.º

## Chá das cinco

### Fim de ano

Tem sido doloroso, para Portugal, este fim do ano de 1925. Vendavais da natureza e vendavais de paixões têm derrubado casas, destruído lares e vidas.

Sob este céu pesado, côr de chumbo, que nem parece céu português, como se com todas estas mudanças o clima tivesse mudado tambem, esmaga-nos uma obscura tristeza.

E tudo para quê? Se a felicidade é tão diferente do que sonha a ambição dos homens!... E as leis, ou antes os preconceitos que os homens entendem como pontos de honra, como são contraditorios e extraordinarios!...

E a mulher é como que a vitima expiatoria, que se oferece em desconto de todas as faltas, paixões e desastres. E' ela que chora o marido morto, de quem tanto zelava a saude e a vida. E' ela que chora os filhos sem amparo, o irmão perdido, ou o homem que conseguiu prendê-la e por quem nem tem o direito de chorar...

E' a mulher que sofre, ou antes é a mulher quem mais sofre... E sofre mais, por que é mais fraca, moral e materialmente, e porque, para a mulher, a vida toda é o seu amôr... e mais nada. E' através do seu amor que ela vê a vida e as coisas, que ela fita o céu e a terra, que ela julga o mundo e os homens; é através do seu amôr que ela sorri e pensa, que espera e desespera, que encerra o passado e o futuro, a saudade e a esperança...

Mesmo a: suas ambições, os seus defeitos, as suas maldades, é o seu amor que as dirige a causa.

Os homens têm outras paixões, outros ideais, outros pensamentos. A mulher na vida, na arte, na familia, tem o seu amor... e mais nada.

MARIA DE CARVALHO

## CAMBIO OFICIAL

| | Comprador | Vendedor |
|---|---|---|
| Londres, cheque | — | 95$00 |
| */Madrid | — | 2$79 |
| */Paris | — | $74 |
| */Suiça | — | 3$80 |
| */Bruzelas | — | $89 |
| */Nova-York | — | 19$60 |
| */Amsterdam | — | 7$90 |
| */Italia | — | $79,5 |
| */Brasil | — | 2$85 |
| */Praga | — | 5$85 |
| */Suecia | — | 5$28 |
| */Austria | — | 2$77 |
| */Berlim | — | 4$68 |
| Libra esterlina | 100$00 | 106$00 |

## BOLSA

### Preços efectuados a contado

| | |
|---|---|
| Obrigações Externas, 1.ª serie | 528$00 |
| » 5 1/2 0/0 1923 | 494$00 |
| Acções do Banco de Portugal | — |
| » do Banco Lisboa & Açôres | 575$00 |
| » da Companhia de Seguros Sagres | 755$00 |
| » da Companhia Tabacos de Portugal | 874$00 |
| » da Companhia Port. de Fosforos | 161$50 |
| » das C.as Reun. Gaz e Electricidade | 88$00 |
| » da Companhia do Amboim | 92$00 |
| » da Companhia Colonial do Buzi | 98$00 |

Casa de Saude de Bemfica
Rua Duarte Galvão, 54 Telefone Bemfica 65

Casa de saude para medicina e cirurgia completamente remodelada e dotada de todo o conforto moderno. Galerias de repouso, aquecimento central, gabinetes de raios X e electroterapia (a cargo do dr. Carlos Santos, filho), laboratorio de analises, serviços completos de desinfecção, lavanderia, etc.

Enfermagem Suissa. Medico interno.

Pensão completa a partir de 70 escudos com 4 refeições. Preços especiais para longa permanencia.

Os doentes pódem escolher para medico assistente o clinico que entenderem.

Não se recebem alienados, nem doentes contagiosos.

## O MOMENTO POLITICO

# Avançamos

### abertamente

## para o equilibrio orçamental

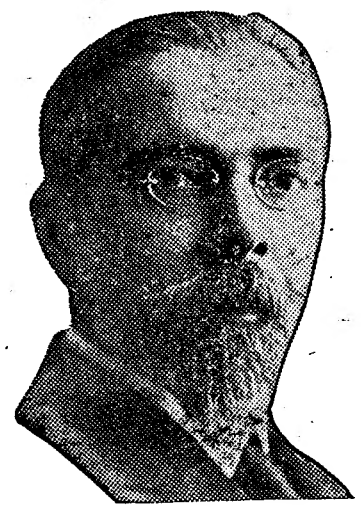
### e não ha razão para grandes temores

### afirma-nos o presidente do governo

**Chegámos ao fim do ano, sem que tenham desaparecido os pesadelos da nossa crise. Que vai ser o novo ano? Não consultámos a tal respeito qualquer vidente ou quiromante.**

**O sobrenatural nada tem com a politica.**

**Preferimos ouvir o sr. presidente do ministerio, que mais que ninguem se acha em condições de prever os acontecimentos.**



ANTONIO MARIA DA SILVA

Sempre amavel e optimista.

As festas do fim do ano aproximam-no da sua familia, que é, talvez, a unica grande compensação para as duras horas que atravessa. O seu lar é sagrado e no seio dele um riso bom, leal e franco desenruga-lhe o rosto.

—Que me diz v. ex.ª da situação do país, nesta passagem dum ano para o outro?

—Temos direito a encarar com tranquilidade o futuro. O peor passou já, sem que isto signifique que não ha ainda dificuldades a vencer. Os povos não se salvam sem sacrificios...

—Sacrificios! O país mostra-se fatigado de tantos...

—E' possivel, mas eu quero referir-me, sobretudo, á necessidade de nos unirmos todos no mesmo pensamento patriotico, para aceitarmos um pequeno quinhão no esforço necessario para nos resgatarmos.

—A situação financeira é grave?

—Isso é da competencia do sr. ministro das Finanças. Posso, no emtanto, assegurar-lhe que nos é licito sacudir os temores que ha pouco mais dum ano nos assaltavam a todos. Avançámos—saiba se isto claramente—para o equilibrio orçamental e para uma justa distribuição dos encargos fiscais e tributarios.

—E em materia internacional?

—Só ha razões para confiarmos na nossa velha aliada e nas amisades que nos ligam aos outros povos. Não constituimos obstaculos para as ambições alheias—o que me leva a crer que nunca seremos hostilizados. Mas o que mais me anima é a certeza de que a nossa obra colonial não sofrerá entraves no seu desenvolvimento. Não querendo iludir-me, não desejo enganar os outros. Pois bem! saibamos ver as coisas como são: a nossa acção colonizadora honra-nos perante as nações que, como nós, desbravam e civilisam a Africa.

—Sabe V. Ex.ª da impressão do publico no que se refere ao «Banco de Angola e Metropole»?

—Sei e trato de lhe dar remedio. Diga aos leitores do *Diario de Lisboa* que tudo se esclarecerá, padeça quem padecer. Ponho nisso a minha honra. Empregarei todos os meios e pedirei o concurso de todas as pessoas competentes, para que a verdade se apure. Quem bem me conhece sabe que cumprirei a minha palavra...

—Com que obstaculos terá que lutar!

—Conto com eles, mas confio no país, onde não escasseiam os homens de bem. Esteja certo disto—tudo se esclarecerá. De resto, os elementos para desfiar a enorme meada abundam já. Resta que um magistrado de conhecida sciencia e consciencia os aproveite, a fim de separar os culpados dos inocentes. A Republica—e aqui está um dos meus maiores orgulhos—sairá prestigiada desta prova, posso afirmar-lho sem receio de ser desmentido.

## NO EDEN TEATRO

# A revista "Fungagá"

### sobe amanhã á scena

### em espectaculos por sessões

Reabre amanhã as suas portas o popular Eden-Teatro. Espectaculos em duas sessões, cada noite, e primeira representação de mais uma revista—«Fungágá», ao geito do publico, para todos os paladares, para todas as exigencias, pelo seu luxo, pela sua riquesa e pelo seu acentuado bom gosto. Primeira figura, ao lado de Antonio Gomes (da Trindade), Henrique Alves, Justina de Magalhães, Dinah Stichini, Zulmira Betencourt, Artur Rodrigues e Roldão, a aplaudida, querida e gentil «divette» Laura Costa, que espalhará por alguns dos quadros da peça toda a sua graça, toda a sua galanteria e todo o encanto da sua silhueta impressionante, no desempenho dos cinco numeros de que se incumbiu: «Hora avançada», «A Galuna», «A Boneca», «A Perseguida» e «A Mundana», uns de caracter popular, outros de acentuado e exquisito bom gosto, pondo á prova as suas reais qualidades do teatro ligeiro, alegre e emocionante.

LAURA COSTA

## AS VICTIMAS DE ESPINHO

# Devido

### á iniciativa

## do "Diario de Noticias,,

### realizou-se hoje

### um bando precatorio

Promovido pelo nosso colega «Diario de Noticias», percorreu hoje as ruas de Lisboa um bando precatorio a favor das vitimas da catastrofe de Espinho.

Bombeiros Municipais, sob a direcção do comandante interino sr. Rodrigues Alves, ofereceram generosamente a sua colaboração á simpatica iniciativa, que encontrou o melhor acolhimento por parte da população de Lisboa.

O bando precatorio saíu, cêrca das onze horas, do quartel da Esperança, acompanhado pela banda dos Bombeiros Municipais, tendo percorrido o seguinte itinerario: Bairro da Madragôa, Conde Barão, Boa Vista, S. Paulo, rua 24 de Julho, Arsenal e Terreiro do Paço.

Em seguida, subiu a rua do Ouro, desceu a rua Augusta e entrou em todas as casas da Baixa, onde os bombeiros fizeram uma larga colheita de donativos.

No Campo de Santa Ana, o cortejo teve um pequeno descanso, dirigindo-se depois á Avenida Almirante Reis, Jardim Constantino, Gomes Freire, Conde de Redondo, Avenida da Liberdade, Chiado e Rua do Mundo, onde dispersou.

Até á hora em que escrevemos, ainda não se fez o apuramento dos donativos recebidos, sabendo-se, no entanto, que o bando precatorio obteve um grande exito. As pobres familias de pescadores que, em virtude da catastrofe, ficaram sem um abrigo e sem um recurso de que lançar mão, terão assim, graças á iniciativa do «Diario de Noticias», um fim de ano menos doloroso do que aquele que tão tragicamente se anunciava.

## Loteria de hoje

| | | | |
|---|---|---|---|
| 2640... | 800.000$00 | 7416... | 6.000$00 |
| 2340... | 150.000$00 | 8159... | 6 000$00 |
| 2124... | 50.000$00 | 8280... | 6.000$00 |
| 1729... | 20.000$00 | 9292... | 6.000$00 |
| 5506... | 6.000$00 | | |

RITZ CLUB
Reveillon du Nouvel An Bal Masqué
Menú du Souper
Consommé de volaile au riz
Sole Meunier
Cotelete de pere napelitaine
Dindonneau Rôti
Fruits, Colares, Café
Prix 15$00

Se Venus uzasse CAMISAS d'homem, vestiria da CAMISARIA NACIONAL
FABRICANTES
Vendas directas ao publico
ROCIO, 93—1.º

A pelicula Gevaert permite fazer boas fotografias durante o inverno.
Garcez L.da—Chiado-Lisboa

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
HOJE, ás 21-15
FLOR DO TOJO
ULTIMA SEMANA

# A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
O ARPÃO
Paris que dorme
O Papão
Uma cine-farça com Pencudo

UM EPISODIO A' MARGEM...

# Abaixo

relembra-se

## uma estada em Lisboa

de Karel Marang

### em maio do ano de 1922

Em maio de 1922 estiveram em Lisboa, portadores de um vitral artistico, os delegados do «comité» Fernão de Magalhães, srs. Hertamann, Watel e Marang Inalvesse.

Um redactor do *Diario de Lisboa*, então redactor do *Diario de Noticias* tambem, acompanhou aqueles senhores de Lisboa á Batalha, onde foram depôr uma corôa no tumulo do Soldado Desconhecido. A reportagem está arquivada no *Diario de Noticias*.

O jornalista relembra hoje aquela viagem e, de memoria, reproduz, pela curiosidade, alguns pormenores ineditos.

Marang, o mais novo dos três, era justamente o menos falador.

No corredor do comboio, entre o jornalista e Marang, que depois se animou, travou-se pouco mais ou menos o seguinte dialogo:

—Nós, holandeses, negociamos muito com o vosso cacau, que apresentamos como nosso. E' vulgar. E' a reexportação, que os senhores fazem.

Pouco depois:

—Porque não vende Portugal a parte de Timor que vos pertence?

—Porque nós não vendemos um metro das nossas colonias.

—Ora! Tem-nas cedido aos inglêses!

E citou Bombaim.

—Erros antigos, hoje impossiveis de renovar.

Marang — verificou o jornalista — era o homem do dinheiro. No hotel fizeram «toilette» de luto rigoroso, com discretos protestos contra a pobreza dos aposentos.

Eram portadores de uma corôa, que foi metida num trem. Os três holandeses e o jornalista seguiram de automovel, que o «Diario de Noticias» ofereceu.

Na Batalha fotografaram-se com a corôa á frente. Marang preocupava-se com a arte famosa do monumento gotico e, quando na capela dos fundadores, o jornalista ia a explicar alguns trechos da historia dos filhos de D. João I, Marang retorquiu:

—Conheço-a...

Falava-se o francês. E em francês repetiu a historia — toda errada. O jornalista não emendou.

Na volta, os três holandeses só falaram no seu idioma. O jornalista dormitava. Perto de Lisboa, Watel, que tinha comido espantosamente carnes frias e bebido espantosamente vinho branco, pediu agua numa estação. Não havia.

Hertamann, muito correcto sempre, como aliás todos, teria dito em holandez qualquer cousa que o jornalista interpretou: «paiz atrazado!» E Marang, então, vendo o jornalista atento, corrigiu em francês:

—Isto sucede frequentemente em toda a parte.

E blagueou para Watel:

—Não comesse tanto fiambre...

No Rossio, os holandeses, marcando a sua gratidão ao jornalista, disseram-lhe para aparecer quando quizesse, no Avenida Palace, onde gostariam de lhe mostrar documentos de arte holandesa.

O jornalista recorda-se tambem de que Hertamann lhe perguntara qual a condecoração portuguesa de mais significação e valor. E como o jornalista desse a sua opinião, Marang perguntou, com certa surpresa:

—O quê?! Não é esta?!

E apontou a roseta vermelha.

Marang, que de começo deu ao jornalista a impressão de ser o mais insignificante dos trez, desfez na Batalha e em Leiria esta impressão.

As porcelanas da Vista Alegre
SÃO AS MAIS BARATAS
Deposito — Largo das Duas-Igrejas, 146
Grande redução de preços
NÃO COMPREM LOUÇAS ESTRANGEIRAS

ESTA MADRUGADA...

# Um arsenal

de "bombas,,

## na calçada de Santo Amaro

### descoberto por trez "reporters,,

que andaram a fingir de policias...

A noticia chegára de madrugada aos jornais. Havia-se descoberto um deposito de bombas numa casa da Calçada da Tapada, e a policia fizera-lhe cêrco para assaltar o «paiol» ás primeiras horas do dia.

Juntaram-se três jornalistas, muito antes do dealbar, e fôram em busca do acontecimento que prometia ter seus quês de sensacional.

Pedidos de informação na esquadra de Alcantara deram resultado negativo:

—Ná! Aqui não consta nada a tal respeito...

Calçada da Tapada acima, com a «moto» em marcha lenta para pesquisar bem o caminho; e, nada tambem. Nem grupos suspeitos, nem policias á paisana, nem fardas negras de civicos.

Lá no Alto, na esquadra da Ajuda, a mesma ignorancia do caso:

—Ná! Aqui não consta nada a tal respeito...

Metemos a Belem, já com o dia a clarear. Idem, de falta de informes. Telefonou-se de lá para o Governo Civil. O telefonista, avisado de que era gente dos jornais, elevou ao cubo o segredo.

Onde raio seria, então, o misterioso arsenal das bombas?

Ninguem sabia. A Policia fazia mais sigilo á volta do caso do que faz o sr. Pinto de Magalhães á volta da burla das notas.

E se nós...?

* * *

Tiveram os jornalistas uma ideia subita. Havia perto uma loja, e havia nessa loja um telefone.

—Telefona-se?

—Seja.

E telefonou-se:

—Está lá? Ligue para a Policia! 1532!

E travou-se dialogo:

—Quem fala aí? E' o Nascimento?

—Nascimento!

—Daqui é o 327.

—Qual 327?

—Homem! Você não conhece o 327, da brigada do comandante?!

—Desculpe. O telefone está um bocado rouco...

—Olhe lá, ó Nascimento: andamos aqui ha que tempos á procura do raio da casa das bombas, e não ha maneira. Um serviço destes... Você sabe onde diabo fica o palacio encantado...?

Nascimento telefonista hesitou, fez uma pausa, e saíu-se com esta:

—Porque não fala você da esquadra?

—Ora... porque ha de ser?! Indagora estivemos em Alcantara, mas não houve meio. Estava lá uma data de gente dos jornais... Eles andam já na cola da noticia...

Uma risada do Nascimento:

—E' verdade! E'! Já telefonaram ha bocado da esquadra de Belem. Mas eu fechei-me... E' preciso cautela com esses bichos...

—Pois é por isso. Querem armar em espertos...

—Bem. Em todo o caso... oh 327... está aí o Bichagata?

—O Bicha quê?!

—O Bichagata. Ele tambem foi á diligencia...

—Ah! O Bichagata... Pois claro que está! Está aí á esquina á espera da resposta.

—Então, ele que venha aí ao telefone, que eu conheço-lhe a voz.

Perdido tudo outra vez! Nenhum dos jornalistas tinha voz de Bichagata!

E vinhamos de retorno, a «faroar» já por honra da firma, quando, em frente de Santo Amaro, descobrimos muita gente com cara de caso no empinamento de uma calçada ingreme.

Subimos. Logo á entrada, o mulheredo, que madrugára na tarefa do soalheiro, olhou-nos com espanto, a segredar:

—São da policia. Então não se vê logo pelas caras...?

Convencidos de que tinhamos cara de policia, fômos avançando mais seguros da situação. Lá ao alto, no tôpo da ladeira, uma igreja desmantelada, um muro velho a circundá-la, e, em frente, dois civicos escalados em feitio de sentinela.

—E' aqui!

E era. Era ali, no n.º 56, que estavam escondidas as bombas.

* * *

E começou a reportagem. Fômos em direitura á porta. Batemos. Veiu um cabo a preguntar:

—Donde vêm os senhores?

—Do Governo Civil.

E era verdade. A gente tinha lá estado.

—Então, são agentes?

—Sim, senhor. Sômos agentes...

Iamos acrescentar que «de publicidade»; mas o cabo atalhou amavel:

Bem; bem! Façam favor de entrar. Isto... serviços desta responsabilidade...

—Trazem cartão, não é verdade?

—Queria que nos tivesse esquecido o armamento?!

Mostrámos á surrelfa as carteiras de identidade:

—Sou o 216, João Baptista Diniz. Veja...

—Este senhor é auxiliar?

—Qual auxiliar?! E' agente tambem. Então o senhor não conhece o Mario Quintela? o 251?

—Nesse caso, são todos agentes...

—Pois sômos. Eu sou o Mafra, o 49.

—Entrem. Entrem...

—Espere lá. Ha aqui em frente umas caras suspeitas... Entrem vocês, que eu fico de guarda aos cavalheiros...

—Isso! Isso! E' bôa ideia. — Apoiou o cabo, introduzindo os dois policias de ocasião.

E enquanto um de nós dava ordens cá fóra para limpar de gentio as redondezas, e toda a gente estava muito crente de que eramos da «secreta», penetravam os outros dois no reducto dos bombistas.

Lá dentro, enquanto o dono da casa, o sr. Elisio Marques, gemia na cama, por ter fracturado, ha dias ainda, uma perna, azafamavam-se 4 civicos, em mangas de camisa, a rebuscar os ensanjos do casebre. Chanfalhos, dolmans e capotes por cima das cadeiras; gavetas e baús desventrados em misero desalinho; garotos a chorincar de medo, uma velhota a jurar pelas alminhas que fôra mentira a denuncia, e um homem ainda novo a fazer a barba a toda a pressa.

Cumprimentámo-lo; e o cabo surpreendeu-se:

—Ah! Já se conheciam...?!

—Isto... é passaro muito visto... Até admira vocês não o conhecerem tambem...

Era mentira; mas mentira precisa para evitar o fiasco.

E logo numa intimação segredada:

—Já prenderam este homem...?

—Foi logo! Está a fazer a barba para ir com a gente para a esquadra...

—E... o que apreenderam?

Veiu a metralha toda para uma exposi-

*(Vêr continuação na 8.ª pagina)*

# Pelos teatros

## José Climaco

*Realiza-se hoje, no Politeama, em Festival do Novo Ano, a recita do actor ensaiador José Climaco, um dos*

JOSE CLIMACO

*mais assinalados trabalhadores do teatro, infatigavel lutador, cheio de qualidades, reconhecidamente artista e reconhecidamente honesto. O programa do espectaculo é primorosamente constituido, de molde a atrair ao Politeama todos os amigos do festejado.*

## "Os Homens de Hoje"

*A distribuição dos principais papeis da peça «Os Homens de Hoje», que no proximo dia 4 sóbe á scena no Teatro de S. Carlos é a seguinte:*

*«Suzana Verrier», Lucilia Simões; «Julia», Laura Fernandes; «Jacques Gaillac», Erico Braga; «Barão de Courcieux», Joaquim Almada; «Conde de Montoire», Samwell Diniz; «Gulpin Brassac», Mario Santos; «Martin», Seixas Pereira; «Herland», José Monteiro.*

## Atrás do repostéiro

No teatro Nacional realizam-se amanhã, depois de amanhã e no domingo, os três ultimos espectaculos com a peça «A Severa».

—Reaparece hoje, no teatro S. Carlos, em récita de moda, a companhia Lucilia Simões, com a peça «O Principe João».

—Lucilia Simões, Leonor Faria, Ester Leão, Amelia Rey Colaço, Maria Pia, Alexandre de Azevedo, Ribeiro Lopes, Teodoro Santos, Robles Monteiro e Francisco Sampaio, estão ensaiando, sob a direcção da grande mestra Lucinda Simões, a peça «Punindo», que será representada na «Noite de Augusto Rosa». O espectaculo começará pelo grande acto de homenagem em que, além das já anunciadas palavras de Afonso Lopes Vieira, e as de Lucinda Simões, em nome dos artistas «partenaires» de Augusto, e das de Matos Sequeira, pela critica, o academico sr. dr. Julio Dantas escreverá um discurso como dramaturgo dos mais representados por aquela figura proeminente do Teatro Português.

O final do espectaculo será composto pelo «Monologo do Vaqueiro», pela eminente comediante Adelina Abranches, que foi ensaiada por Augusto Rosa, e pela representação do 2.º acto da peça «Leonor Teles», de Marcelino Mesquita, representado pela companhia Berta Bivar-Alves da Cunha, fazendo Alves da Cunha o papel de D. Diniz.

—A companhia de opereta que esteve no Trindade, sem o concurso de Cremilda de Oliveira que passa para o Teatro S. Luis, está ensaiando, para uma «tournée» á provincia por conta da sua empreza, Sociedade Comercial de Teatros, Limitada.

—Pela companhia do actor Rambal foi representada recentemente em Zaragoza a peça portuguesa «O alfinete egipcio», original do nosso compatriota sr. Carlos Ferreira, obtendo grande exito.

—A Companhia Maria Matos-Nascimento Fernandes termina a sua temporada no Porto, no dia 6, percorrendo até Lisboa o seguinte itenerario: Espinho, Coimbra, Figueira da Foz, Santarem e Setubal para embarcar a 24 para as ilhas dos Açores e Madeira. No dia 2 representa, no Sá da Bandeira, do Porto, a peça «A Garota», em recita da actrizinha Maria Helena.

—No Apolo representa-se até domingo a peça «A Taberna»; no Ginasio, «Vida e doçura»; no Avenida «O Pão de ló» e no S. Luis, sabado e domingo «Os Gaviões».

# Comprae um CITROËN

## O automovel que possue todas as qualidades do carro caro

**E' economico** o seu consumo é minimo e a sua manutenção insignificante

**O seu andamento regular** dá prazer ao seu condutor.

**A sua simplicidade** é typica, todos os seus orgãos são acessiveis e d'uma afinação facilima.

**O seu preço reduzido** só é conseguido, com a enorme produção (500 carros por dia).

## O MODELO 1926

**com molas inteiras á frente e travões ás 4 rodas**

**Pedir catalogos e preços a**

## EDUARDO ROSA, L.DA

Unicos concessionarios

*84--Avenida da Liberdade--90*

LISBOA

A POESIA PORTUGUESA

# «Fogueira Eterna»

*é o titulo do novo livro*

## do poeta Antonio Alves Martins

que brevemente vae ser posto á venda

ANTONIO ALVES MARTINS

O nosso querido camarada Alves Martins, convalescente ainda de uma doença que o reteve em casa durante muitos dias, vai publicar brevemente um novo livro de versos, a que chamou «Fogueira Eterna».

Desde a «Anunciação» á «Mulher de Bençam», Alves Martins tem cantado o amor, a humildade, a resignação em versos modelares — que ficam como os melhores duma geração de poetas, uma geração que tem inundado as montras das livrarias de muito verso e de pouca poesia.

O seu novo livro, «Fogueira Eterna», do qual transcrevemos hoje alguns trechos, está, como os que o precederam, destinado a alcançar um exito seguro de publico e de critica.

---

Que lindo sol! Esplendoroso dia!
Ceus e terra trasbordam de alegria,
Edenica visão!
Vêr, de tão alto, o sol sobre a cidade,
E' vêr, em corpo e alma, a felicidade
E abrir-lhe o coração!

Sob esta luz nenhuma dôr existe!
Ninguem terá a sina de ser triste!
A alma foi ouvida...
Louvemos Deus com os olhos a sorrir!
Nem sei que mais lhe havemos de pedir
Pois nada falta á Vida!

Mas ai, rapido instante! O sentimento
Varia, de momento p'ra momento,
Dentro de cada ser.
Pobre da nossa intima figura:
Não cede ao sol a sua noite escura,
Não se deixa vencer!

E' já apenas com os olhos que te vejo
Oh sol, onde queimei o meu desejo
E a minha ilusão...
A alma sinto-a fria,— e, num cançasso,
Vejo cair, em lagrimas, do Espaço,
O proprio coração!

Que tenho eu? Que penas me consomem?
Bastará o destino de eu ser homem,
P'ra este sofrimento?
Quero vêr-lhe as razões e não atino:
De tão humano torna-se divino
E foge ao pensamento!

Invejo a primitiva humanidade
Que sabia fitar-te, oh claridade,
Tão instintivamente,
Sem intimas cavernas, dôres geladas,
Arrefecendo a luz das madrugadas
E o sangue do poente!

Oh sol, porque não entras em meu peito
Devorando o que nele, de imperfeito,
Existe em negra dôr?
A's ancias crueis em que me gasto
Mostras, apenas, o universo vasto,
Cheio do teu calôr!

Mas a alma quere mais! Não se contenta
Como o olhar mortal que se alimenta
Da forma fugidia...
Não quere as cousas—quere o Creadôr;
Não procura quem ama—busca o amôr,
Sedenta de harmonia!

Que profundas razões para chorar
Sob esta luz do sol que enchendo o ar
Me deixa insatisfeito
Como se, pela força da ansiedade,
Vencesse todo o azul da imensidade
O luto do meu peito!

Inquietação humana! Rebeldia
Orgulhosa do sêr! Melancolia,
Ansias de Eternidade...
Deus, Natureza, saciedade, amôr,
Tudo em confuso e intimo clamôr;
Vagas em tempestade!

Mas aí vem a tarde... Traz no seio
Não sei que doce filtro ao meu anseio,
Que gestos de embalar...
Oh sol, regresso ao meu jardim fechado!
Morre no horizonte ensanguentado,
E deixa vir o luar...

*J'aimê la magesté dès souffrance*
**Alfred de [illegible]**

E' sobretudo, á tarde—e as tardes de Lisboa
Prestam-se tanto, tanto, a um scismar á tôa,
Ansioso e sem fim—
Que entre o ruido e a paz dos carros e das gentes
Acordam, p'ra sofrer, meus sentidos doentes,
E mais penetro em mim.

Quem sou eu, quem sou eu, no meio do barulho
Da capital febril, onde arde o meu orgulho
Em horas de ansiedade,
E onde chora e suplica e se queixa e estremece,
Como um arbusto ao vento, ou como simples prece,
Toda a minha humildade?

Sombra humana onde pulsa um coração que sente,
Eu olho á minha volta, e uma maré crescente
De alarido e de pôvo
Parece querer, tambem, que eu vá juntar-me a ela:
Mas eu busco, a sonhar, uma longinqua estrela,
Um Paraiso novo!

E a minha alma sobe a procurar a estrela,
Sobe, vôa bem alto, a vêr se encontra n'ela
O que deseja achar...
Mas, cá em baixo, o ruido alastra-se, profundo!
Ai de mim, sinto bem que estou bem preso ao mundo
Para o poder deixar!

E a meus olhos se ergue, avermelhada e intensa,
Uma fogueira enorme, uma fogueira imensa,
Ardendo sem medida...
E causando pavôr á minha vida estranha
Passam homens, mulheres, aos braçados de lenha
P'r'á fogueira da Vida!

Ela arde, ela brilha, a eterna fogueira,
Pois ninguem quere morrer e sôbre a terra inteira
O fogo é sustentado.
Não perdôa a fogueira a quem a não sustenta:
Não vá eu buscar lenha aos montes da tormenta
E morrerei queimado!

E entre a estrela que eu sonho e a fogueira que pede
A lenha que me cabe arranjar-lhe e que mede
A minha dôr tamanha,
Minh'alma ora se exalta, ora sucumbe... E, cego,
Eu nem alcanço a estrela e nem ao fogo entrego
A necessaria lenha!

Que eu não sei, que eu não sei ir aos montes buscá-la;
Só calando, talvez, esta emoção que fala
E me deita a perder...
Não sei, nem posso ir como os outros que vão ..
Onde deixar a alma? E sem o coração
Aonde iria eu ter?

Vencer! Vencer! Dar lenha á fogueira, queimar
Almas e corações, a chorar e a cantar...
Passam todos... e eu!
A fogueira da Vida! A fogueira da Vida!
—Passam todos olhando a terra sacudida;
Eu a olhar o ceu!

A olhar o ceu, o ceu onde scintila e brilha
A estrela, aquela estrela irmã de minha Filha,
Irmã do meu Amor,
Sem a qual ficaria a Vida sem sentido,
Inutil todo o fogo a cinzas reduzido,
E inutil a dôr...

Vai crescendo a maré, vai crescendo, crescendo,
E na fogueira eterna a lenha vai erguendo
As labaredas loucas...
Rogos, lamentações, choros, pragas e gritos...
A' minha volta ha só interesses infinitos
E infinitas bôcas...

A maré vai crescendo! E' um desvairamento!
Ha quem celebre, á frente, o seu contentamento;
Ha quem soluce, atraz...
Arde o fogo nas mais reconditas travessas;
Tudo vence a fogueira! As almas estão possessas:
Governa Satanaz!

Lá dou, tambem, ao fogo, a lenha que consigo.
Vou com os outros, tambem — mas é atraz que eu sigo
E tateando a medo...
Não vá diminuir-me, entrando na maré!
Mas não. Acima d'ela eu ergo a minha fé;
Levanto o meu segredo!

Pois lá em cima, no ceu, eu sei que a estrela existe;
Por ela é que a minh'alma á fogueira resiste
E aprende a sofrêr!...
Creio na estrela! A estrela o meu destino guarda!
E a fogueira, que arde, é preciso que arda;
E' preciso viver!

Dentro de mim, na minha consciencia,
Como o *Judeu Errante*, nunca páro:
Galgo montanhas onde o sol é claro,
Desço abismos de turbida dormencia!

E' esta a minha unica existencia,
A unica, meu Deus, em que eu reparo!
E tudo o que a minh'alma tem de raro
Vive na luz da minha inteligencia!

*Vaidade das Vaidades*! Vou vivendo
Dentro de mim, fechado em mim, esquecendo
Que o tempo sobre o mundo vai passando!

Ao acordar, que noite me entristece!
—Jamais a minha alma se conhece,
E lembro o tempo que passou, chorando!

---

Nascemos—e há logo quem comece
A esperar de nós, p'la vida fóra,
Actos que tenham clarões de aurora,
Falas irmãs da mais sentida prece!

Mas porque a nossa alma desfalece,
Ou porque nunca chega a nossa hora,
A's esperanças em nós postas outrora
Responde o nada que nos [illegible]!

Mas não desistem de esperar... E' a Vida
A exigir de nós, na eterna lida,
Uma palavra, um gesto ou uma ideia!

Tantas esperanças, tantas, sobre mim,
Dos meus, dos outros, de mim proprio, enfim!
—E eu mais pequeno do que um grão de areia!

---

Não posso!—E olho tristemente a Vida;
Dentro de mim, que mórbido cansaço!...
—Do gélido silencio do Espaço
Nada responde á minha voz ferida!

Porém, na longa estrada percorrida,
Descubro o meu logar: é um vivo traço!
—Dependem felicidades do meu braço;
Minha fraqueza deve ser vencida!

Tento reagir, alarga-se-me o peito:
—Mas não posso, porquê?—E, contrafeito,
Debato-me, a scismar, no meu mutismo...

—Revela-me, Senhor, da imensidade,
Se eu sou assim por graça de humildade,
Ou miseraveis restos de egoismo!

---

Nada sabemos! Não se cria nada!
E' tudo uma fantastica ilusão!
Palpita inutilmente o coração;
Inutilmente nasce a madrugada!

Em que vemos a vida melhorada?
Que luz veiu rasgar a escuridão!
Que certezas se abriram?—Tudo em vão!
Poeira, em torvelinhos, numa estrada...

Fórmas, palavras—e a Vida existe!
—Ao nosso olhar, alucinado e triste,
Só chega o que, de efémero, se junta!

Interrogar é ouvir mais agonias...
—Folha incerta a boiar em aguas frias,
Eis o destino da melhor pergunta!

---

Arrelias mesquinhas desta vida,
Desejos vãos, torturas de momento,
Só me causais, no fundo, aborrecimento:
—De vós a minha Dôr não é nascida!

Pois na constante e ingreme subida
Do calvario ideal do sentimento,
A alma, entregue ao seu desvairamento,
Por angustias maiores é sacudida!

Embaraçai-me os passos... Complicai
A minha vida desigual, que vai,
Tão escrava do mundo, olhando os ceus...

Não deixarei, abstracto caminhante,
De interrogar o mais furtivo instante,
Buscando a chama que me ligue a Deus!

TEATRO DE S. CARLOS (M/M) TELFE. C. 3063
Companhia Lucilia Simões
Hoje ás 21-15 Hoje
Recita da Moda
**O principe João**

Politeama Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, ás 21-30
**Seguro de Vida**
Recita do actor-ensaiador José Climaco

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE, ás 21-15
**O Pão de Ló**

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
HOJE HOJE
A's 20-30 e 22-30, as representações da revista
**FOOT-BALL**

*Theatro do Gymnasio*
Te C. 2814 HOJE A's 21-15
**VIDA E DOCURA**
Domingo - 4.° CONCERTO FÃO

JORGE RIBAS FERREIRA
COMERCIANTE
Escritorio: Rua dos Fanqueiros, 221, 2.° — LISBOA
*Deseja festas felizes e um ano prospero aos seus Ex.mos clientes e amigos*

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
AMANHA
**Fungágá**

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
**A TABERNA**

Estabelecimentos de Correaria, Espingardaria e Cordoaria
A. M. SILVA
Deseja festas felizes e um novo ano prospero aos seus clientes e amigos
R. da Betesga, 43 e 67 R. dos Correeiros, 235, 237 e 239

THE GENTLEMEN
Camisaria e Gravataria
A. SOUTELINHO, LT.DA
R. AUREA, 85
Deseja umas boas festas e um ano cheio de prosperidades aos seus clientes e amigos

CASTELA, LT.A
Proprietarios da
**SAPATARIA CHIADO**
6 — Rua Garrett — 98
Cumprimentam os seus ex.mos freguezes e amigos e desejam-lhes festas felizes e novo ano repleto de venturas.

ESTANCIAS DE MADEIRAS
SÉDE — Rua 24 de Julho, 40
SUCURSAL — T. das Monicas, 65, á Graça — LISBOA
Teleg.: MADEIRAS-Lisboa — Telefone 937 C.
**JOÃO LEAL & IRMÃOS, Sucessor JOÃO LEAL**
Toros de pinho para minas — Madeiras nacionais e estrangeiras — Arcos de castanho em rodas e para fasquiar, varejões, caniços e madeiras para canastras
Grandes depositos de madeiras de pinho em Xabregas
Artigos das melhores procedencias

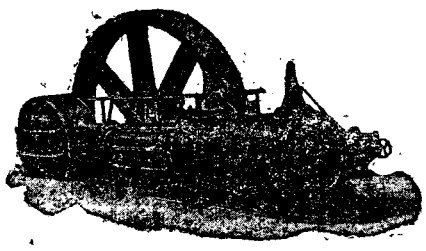
Casa das Tesouras
*Peres & Abrantes Sucr.*
R. da E. Politecnica, 51, 51-A, 53, 55
Cumprimentam os seus Ex.mos fregueses e amigos, desejando-lhe festas felizes.

Grandes Armazens da Beira
20, 22, R. dos Retrozeiros, 24, 26
Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes festas felizes.

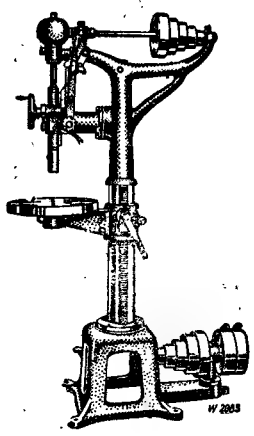
O Mendes
CALÇADA DO CARMO, 26 e 28
Deseja festas felizes aos seus Ex.mos amigos e fregueses e uma visita aos fatos, sobretudos e calças baratas.

**EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL L.DA**
E
**SOCIEDADE PORTUGUEZA LANZ**

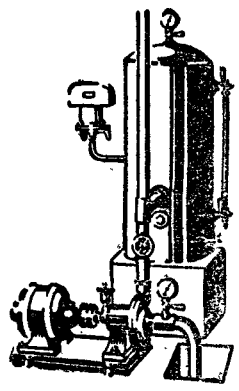
Maquinas de trabalhar madeira
Maquinas---Ferramentas
Bombas--Motores Diesel



Maquinas a vapor
Maquinas frigorificas
Aço POLDI
Motores a gaz pobre



Locomoveis--Moinhos
Debulhadoras
Caminheiras--Tratores



LISBOA — Rua da Boa Vista, 43 — Telefone C. 3971
PORTO — Rua das Carmelitas, 40

NOVIDADES LITERARIAS

# O LIVRO «Sermões NÃO ENCOMENDADOS»

## de Alberto de Oliveira

Alberto de Oliveira

UMA OBRA A APARECER

# LÈM-SE abaixo QUATRO CAPITULOS

## escolhidos ao acaso

Alberto de Oliveira, o nosso representante em Buenos Aires, vai publicar brevemente, entre outras obras, um volume intitulado «Sermões não encomendados» (Notas quotidianas) que a Livraria Rodrigues editou.

O ilustre diplomata português, que é em toda a acepção da palavra um verdadeiro homem de letras, tem tambem no prelo, como ontem dissemos, dois outros livros, «Memorias da vida diplomatica» e «Vida, poesia e morte».

Da obra «Sermões não encomendados», transcrevemos quatro capitulos, ainda ineditos, e que dão bem uma amostra do que será esse novo mimo literario que sai da pena de Alberto de Oliveira.

Coelho da Rocha é um dos raros espiritos sinteticos e objectivamente criticos de que pode orgulhar-se a historiografia portuguesa. O seu «Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal», pequeno volume de 250 paginas, publicado ha sessenta anos para uso dos seus alunos da Universidade, ainda hoje é bussola indispensavel a quem deseje não errar caminho em tantos recantos obscuros ou mal estudados da vida nacional. Esse rapido trabalho, escrito até numa linguagem que não perdeu o viço, conseguiu resumir e dar relevo a sete seculos compactos de historia. Pena foi que Coelho da Rocha, favorecido com tão preciosos dotes de pensamento recto e de expressão sobria e nitida, não fizesse do seu livro um prefacio para obra de maior folego. Da sua pena podia ter saído a historia de Portugal serena, imparcial e lucida que ainda nos falta.

Folheio com frequencia o livrinho de Coelho da Rocha e sempre nele encontro lição ou conselho. Hoje por exemplo abro o no capitulo consagrado á revolução liberal de D. Pedro IV e á grande obra reformadora de Mousinho da Silveira. E leio e sublinho o seguinte: «Estas reformas eram indispensaveis; porem, a precipitação e forma que se lhes deu, fez com que, em lugar de remedio, elas viessem antes aumentar os males publicos. A extinção dos dizimos, dos forais e das sizas causou notavel desfalque nas rendas do Estado, ao que se não providenciou. Por outra parte, na situação em que se achava o reino, a mais rigida economia devia presidir á criação dos novos estabelecimentos, para cortar sem atenções pelo numero e pelo ordenado dos empregados: na nova escala, que então se formava, de homens e de coisas, «a razão pedia que se principiasse pelo minimo; em seu lugar, porem, presidiu o luxo e a profusão. Para recompôr uma nação pequena e pobre foram-se procurar os modelos á França e á Inglaterra, as duas nações mais ricas e mais poderosas da Europa». Para o serviço, que até aí era feito por um Provedor com o seu escrivão, foram chamados os Prefeitos e Contadores, com os seus subalternos, e «secretarias atulhadas de empregados». Arbitraram-se quatro mil cruzados de ordenado para os Juizes das Relações, que antes recebiam seiscentos mil réis. «Finalmente, na selecção das pessoas, não se atendeu a outra circunstancia, senão aos serviços militares feitos á causa da liberdade; o que por uma parte enchéu as repartições de empregados indignos e, por outra, excitando em todos a ambição e esperanças dos empregos, fê los abandonar os misteres da industria, para se lançarem na carreira das pretenções; e habituou-os a empregar a dissensão e as intrigas para se suplantarem: com o que se criou o principal elemento dos partidos.»

Nestas curtas linhas Coelho da Rocha não só viu claro á roda de si, como profetisou a falencia futura da obra iniciada sob tão erradas bases. Já então se esqueceu que só merece o nome de boa lei, ou de boa reforma, a que foi bem executada, assimilada e cumprida. As operações cirurgicas no corpo humano só valem pela habilidade e pericia do operador; assim tambem no corpo social. Já então se esqueceu, como tantas vezes mais tarde, que não é ás grandes nações, mas ás do nosso tamanho e dos nossos recursos, que devemos pedir modelo e inspiração para a nossa vida economica e politica; o que logo simplifica extremamente a tarefa reformadora, dispensando-nos de encarar problemas e prever dificuldades a que a nossa propria pequenez e modestia tiram a importancia ou até impedem a existencia. Emfim, já então se esqueceu que o aumento e a má selecção da burocracia seriam a nossa ruina e viriam a fazer de Portugal o que Oliveira Martins nos nossos dias chamou, com tanta verdade, «uma nação de empregados publicos».

E, no entanto, Mousinho da Silveira era um grande homem, e depois dele outros vieram que dele se aproximaram pelo talento, pela energia e pelo patriotismo. Dir-se-hia assim que temos tido homens grandes demais para nós, ou que nós fomos pequenos demais para eles. E ao observar como outros países, com menos recursos que Portugal, atingiram a prosperidade á força de bom-senso, de administração regrada, de trabalho tenaz, e sem grandes reformas politicas ou sociais alem daquelas que a evolução veio automaticamente e suavemente introduzindo, temos de concluir que essas são as verdadeiras receitas para os nossos males — receitas ao alcance de todas as inteligencias e que falta «apenas» que estejam tambem ao alcançe de todas as vontades.

### *Como na vida*

Foi em Montevideu, depois da entrega das minhas credenciais ao presidente da Republica. Acompanhava a minha carruagem de gala uma escolta de lanceiros, do tradicional regimento chamado de «blandengues», que ainda usa os bonitos uniformes dos primeiros anos da Independencia.

Ao regressar ao hotel mandei convidar o comandante da escolta, um guapo alferes, a desmontar e a tomar uma taça de «Champagne» na minha companhia. O oficial aceitou o convite, veio perfilar-se diante de mim em hirta continencia e pronunciou enfaticamente as seguintes palavras:

— «Señor Ministro, a fuer de caballero»...

Não lhe disse nada, mas fiquei a scismar na originalidade daquela saudação. «A fuer de caballero» é uma expressão castelhana que se pronuncia com solenidade e pompa para corroborar uma afirmação, algo equivalente á nossa palavra de honra. Porque a empregava o alferes ao apresentar-se-me? Sem duvida obedecia a alguma velha tradição do seu regimento, por sua vez herança dos idos tempos da Espanha cavalheiresca. Era garboso, arcaico, bem espanhol. Dizia bem com o uniforme. Quanto mais saboreava o gesto, mais arreganho ou «panache» lhe encontrava. E não me tive que não encarregasse, dias depois, uma pessoa amiga de interrogar o gentil oficial sobre a origem historica da sua frase.

Não tardei a ter a resposta. E foi assim:

— Olhe que v. ouviu mal. Não ha frase alguma tradicional ou original. O que o alferes fez, ao apresentar-se, foi simplesmente pronunciar o seu proprio nome. Não foi «a fuer de caballero», como v. julgou compreender, o que ele disse. Foi apenas, nomeando-se:

— «Señor Ministro, Alférez Caballero»...

Caí das nuvens, caí estatelado. Eu tinha já construido na minha fantasia, partindo daquela atraente e fragil tese, um mundo todo de conjecturas e glosas sobre a persistencia da tradição militar espanhola no Uruguay. Varios amigos me tinham já ouvido gabar esse inteligente sinal de fidelidade e culto do passado O regimento cavalheiresco não me saía das conversas. E afinal tudo era um lapso dos meus ouvidos. A frase magnifica era um modesto e normal apelido. Que desencanto!

Mas logo depois descobri, para o meu desencanto, uma nova e melhor filosofia. Aquela lição anecdotica era a eterna, a profunda lição da vida. Vamos á conquista do mundo, formando-nos dele uma imagem correspondente á nossa imaginação, ouvindo e vendo em toda a parte palavras belas e gestos belos — «a fuer de caballero»... Vem depois a realidade na sua nudez e na sua crueza implacaveis e reduz frases e gestos á sua expressão mais simples — «alferes Caballero»... A ilusão azoa-nos os ouvidos. A ensôssa verdade arregala-nos mais tarde os olhos. O meu divertido «qui-pro-quo» com o oficial de «blandengues» era o mal-entendido perpetuo e quotidiano. Ontem naquele minusculo episodio — como antes, depois e sempre, na vida.

### *Uma parabola*

Um filosofo meu amigo, tão filosofo como poeta, consagra-se com fervor ao culto das arvores e das aves. No seu jardim envelhecem livre e socegadamente alguns magnificos platanos. E desejando alojar neles, mas sem lhes dar o sentimento humilhante do cativeiro, alguns passaros da sua predilecção, de que ha-de lembrar-se o meu engenhoso amigo? Mandou rodear as arvores maiores de uma rêde de arame; e nessa gaiola enorme semeou os seus canarios e pintasilgos, que parecem agradecer-lhe, num continuo piar de ventura, a liberdade relativa que lhes proporcionou.

E eis como ele me explica a filosofia profunda do seu estratagema:

— Devemos a estes passaros, como a todo o ser vivo, independencia e bem-estar. Devemos-lhes tambem protecção e abrigo contra os perigos e intemperies. E dentro destes limites não é abusivo o meu desejo de os ter na minha companhia e de gosar do seu canto. A gaiola vulgar seria para eles a prisão consciente, a opressão, a tirania, que murcharia as suas pequeninas almas e transformaria os seus trinados em soluços e suspiros. Deixá-los á solta seria para eles o abandono, o perigo, a morte. Encontrei então este meio-termo. Deulhes para residencia as minhas maiores arvores, onde lhes não falta espaço para voar, onde se sentem livres e felizes; e ponho-lhes á roda, numa distancia para eles remota, fóra do alcance da sua vista, uma grade de arame unicamente destinada a impedir que se percam e se extraviem.

— Mas, objecto eu, como se assegura v. de que eles não descobrem que estão presos, não chegam a compreender que a sua liberdade é uma ilusão e uma aparencia?

— Alto lá, replica o meu amigo, eu não lhe disse que aspirava para os meus passaros á liberdade absoluta, que nem v. nem eu sabemos o que seja, que não existe para o homem e dificilmente existirá para os outros seres, menos conscientes, da Creação. Entre a liberdade e o cativeiro ha apenas diferenças de grau e não de essencia. Cativos somos nós todos, e sem remedio: cativos da nossa fragilidade, da nossa ignorancia, da nossa pobreza, cativos do tempo como do espaço, cativos do sangue que herdamos e de todas as premissas que com ele herdámos, cativos de nós mesmos e cativos uns dos outros; cativos da vida e cativos da morte. Ser livres no significativo que podemos, na tarefa quotidiana, na visão quotidiana, dar espaço á nossa inteligencia, dar saida á nossa vontade, mexer as pernas e mexer as ideias. Ser livres quere dizer que não estamos apertados na gaiola, que não esbarramos nela noite e dia, que temos ar e largueza, que nos podemos esquecer e distrair. Mas, de qualquer modo, o arame lá está, a rêde lá está, mais distante e menos visivel, só visivel porventura quando imprudentemente tentamos transpô-la. A nossa liberdade consiste, em ultima analise, em não *vermos* nem sentirmos, a toda a hora, a grade que nos prende. Foi exactamente esta liberdade, que é a unica ao alcance humano, a que eu assegurei aos meus passaros.

Não tive nada que dizer ao meu amigo filosofo. E ainda mais celebrei o acerto dos seus juizos quando, tempos depois, encontrei num livro de Goethe um dialogo filosofico entre duas aves, que fazia perfeita simetria a este que aqui reproduzo. E nem o meu amigo nem eu o conheceramos antes.

### *Mão de semear*

A linguagem portuguesa encontrou expressões adequadas, e algumas perfeitas, para definir as graças, virtudes ou defeitos da mão humana. E' assim que dizemos «mãos rotas» das prodigas, «mãos de fada» das bemfazejas e caridosas. E' assim que apelidamos de «mão certa» a de pessoa destra no arremesso, e que apontamos as «unhas de fome» na mão de pessoa avara ou mesquinha.

Mas a nossa mais bela e profunda definição, que aliás anda deformada e amesquinhada no uso comum, é a de «mão de semear». Dizer que está «á mão de semear» o que nos está ao alcance das mãos, é dizer pouco. O que se deve chamar «mão de semear», mais nobre ainda do que a do semeador dos campos, é a mão laboriosa, interprete da alma activa, que não se cansa de espalhar a boa semente das ideias sãs, que se abre e ergue num gesto criador e derrama ao redor de si, em circulos cada vez mais amplos, tudo o que pode gerar verdade, justiça, beleza. E' a mão que se não fecha egoistamente, guardando só para si o que possue, numa triste e azeda esterilidade, e que se não esquece nunca do proverbio tambem nosso, tão cheio de substancia e de filosofia: «Semeia e cria e terás alegria».

E' com uma humilde mão, que desejaria mas não sabe ser «de semear», que se lançam a publico mais estas notas breves, pequeninas como sementes, mas que poderiam crescer e multiplicar-se se tivessem a fortuna de cair em terreno propicio e hospitaleiro.

TODA A ELITE Usa carteiras e malas da casa Bastos Silva, Lda. Rua de S Nicolau, 81

Companhia Comercial e Industrial Portuguesa, Lt.ª

# Banco Nacional Ultramarino

*Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada*

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SEDE EM LISBOA: — Rua do Comercio AGENCIA EM LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000.000$00 — Capital realizado: Esc. 24.000.000$00
Reservas: Esc. 34.000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga). S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango.
AFRICA ORIENTAL—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA—Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India Inglesa).
CHINA—Macau.
TIMOR—Dilly.
FILIAIS NO BRASIL—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA—Londres, 9 Bishopsgate E. PARIS, 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS—New York 93, Liberty Street.

**Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colonias. Brasil e restantes paises estrangeiros**

# CARVÃO

## Portuguese Corporation of Commerce, L.td

Cais do Sodré, 64, 2.° — LISBOA
Rua da Nova Alfandega, 39, 1.° — PORTO

Telegramas:
**Corporation**

PAPELARIA — TYPOGRAFIA

Praça Luiz de Camões, 43 — Rua do Ferregial, 12 a 20

## PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.DA

42, Praça Luiz Camões, 43 — Telef. C. 1040 — LISBOA

Grande variedade em objectos para escriptorio, livros para escriptorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flôres e muitos outros artigos

Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

SECÇÃO DE TYPOGRAFIA

Rua do Ferregial de Baixo, 12 a 20 — Telefone C. 697

Grandes oficinas movidas a electricidade

ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO

TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

XAROPE PEITORAL RHEUMA

Tosses Constipações Bronquites

A' VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

CONSTRUÇÕES CIVIS

CONSULTEM SEMPRE

**A ACTIVA**

RUA 24 DE JULHO, 8 — Telefones C. 1601 e 3474

# INSTRUMENTOS CIRURGICOS

Aparelhos de Medicina e Laboratorios — Electricidade Medica
Mobiliario Cirurgico—Mezas para operações — Macas rodadas
Autoclaves — Esterilisadores — Estufas, etc.

MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO 1922
MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DO 1.° CENTENARIO DA RÉGIA ESCOLA DE CIRURGIA

Microscopios Koristka

MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DO 1.° CENTENARIO DA REGIA ESCOLA DE CIRURGIA

Sóros e Vacinas—Mulford—Ibys—Maragliano

MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DO 1.° CENTENARIO DA RÉGIA ESCOLA DE CIRURGIA

APARELHOS RAIOS X—AMPOLAS PARA RADIOLOGIA
APARELHOS DE DESINFECÇAO — ANALISES

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS
LARGO DO CHIADO, 12

Telef. C 1017 — Teleg. ALCALI

# *Papelaria Viuva Marques*

(V.ª de Manoel da Costa Marques & C.ª L.da)

Grande sortido de artigos para escriptorio

RUA DO OURO, 36 = LISBOA = TELEFONE 2676 C.

**Variadissimo sortido de artigos para Brindes, Carnets, Molduras, Caixas Papel de Fantasia, Canetas com Tinta, Carteiras, Lapiseiras, Albuns para poesias, Jarras, Albuns para Postais, Albuns para selos, Tinteiros, Papeleiras, Facas para Papel, Sinetes, Canetas de Fantasia, Pisa-Papeis, Estojos para Desenho, Cinzeiros, Campainhas, Porte-Lacre.**

**Caixas de Plasticina, Caixas c| Tintas de Aguarela, Caixas c| Lapis côr.**

Calendarios e Agendas

# COMPANHIA PORTUGUÊSA DO ULTRAMAR

Rua do Carmo, 15, 1.°

LISBOA

**AGENTES** exclusivos para Portugal e Colonias dos seguintes fabricantes:

Emil G. v. Hoveling--- TINTAS PARA NAVIOS

Linke-Hofmann-Lauchhammer, Akt. Ges.--- MATERIAL FERROVIARIO, fixo e circulante

R. Avenarius & C.º--- CARBOLINEUM AVENARIUS, o melhor para preservar madeiras do caruncho e outros insectos

# JOIAS ANTIGAS

Brilhantes grandes sem defeito pagamos por preço superior a todas as ofertas

Barreto & Gonçalves, Lda.

17 — Rua Eugenio dos Santos — 17

Telefone N. 3759

**Sala de Armas Carlos Gonçalves**
R. DAS CHAGAS, 22, 1.º
**Secção de Educação Fisica**
Gimnastica respiratoria, Massagem e Gimnastica Medica
**CARLOS GONÇALVES—CARLOS DE SOUSA**
Prof. diplomado Prof. especialisado

# ESTRANGEIRO

**D.ra Izabel Pereira**
Doenças uterinas--Com pratica nos hospitais de Paris
CONSULTAS das 2 ás 5
Rua Garrett, 80, 1.º
TELEF. 582-N.

## ITALIA

# Para a comemoração do Concilio de Niceia houve no Vaticano uma grande reunião

com a presença

## de Sua Santidade

ROMA, 31

Na presença do Papa, dos cardeais e do corpo diplomatico, de numerosos representantes de instituições religiosas, dos discipulos dos seminarios e dos representantes dos ritos orientais, realizou-se no Vaticano a comemoração solene do Concilio de Niceia.

Depois de diversos discursos, pronunciados em linguas diferentes, o Papa tomou a palavra e fez votos por que o Oriente se unisse ao Ocidente na fé comum, para não formarem mais do que uma só familia no seio da Igreja catolica. — (H.)

### A gerencia
#### dos ministros das finanças

ROMA, 31

Os jornais, resumindo os primeiros resultados da gerencia financeira do conde Volpi, durante o periodo de Julho a Novembro, informam que as entradas ordinarias atingiram aproximadamente sete biliões e meio de liras, e ultrapassam aproximadamente em 700 milhões as previsões estabelecidas. As entradas extraordinarias atingiram aproximadamente 7.600.000.000; excedendo aproximadamente em 700 milhões as previsões feitas. — (H.)

---

Mussolini declarou em conselho de ministros que a sua recente entrevista em Rapallo, com Chamberlain, foi da maior oportunidade e utilidade, em vista das proximas negociações italo-britanicas para a consolidação das dividas de guerra. —(L.)

---

O Papa Pio XI criou um instituto para a arqueologia cristã, no Vaticano, completando assim a fundação iniciada po Pio IX em 1852, dedicado ao estudo e conservação das catacumbas cristãs de Roma. — (L.)

**Companhia Carris de Ferro de Lisboa**
**Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada**
**AVISO**
Avisa-se o publico que a Companhia conserva os seus escritorios abertos amanhã, 1 de Janeiro, para entrega dos bilhetes de assinatura, requisitados nos termos da Condição 4.ª do Aviso publicado nos dias 18 e 19 do corrente.
Lisboa, 31 de Dezembro de 1925.
A Direcção

**Automoveis Studebaker! Overland! Delage!**
C. SANTOS L.DA
86, R. Nova do Almada--Lisboa

## A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

# Quem é O NOVO comandante em chefe do exercito vermelho

Tendo falecido Frunze, o comissario do povo nos negocios da guerra, foi nomeado em sua substituição o camarada Umschlicht.

O novo chefe do exercito, Josif Stanislavovitch Umschlicht nasceu em 1879 em Mlawa (Polonia), tendo feito os seus estudos secundarios e tecnicos em Varsovia.

Filiando-se em 1900 no partido social-democrata da Polonia e tendo sido nomeado membro do «comité» bolchevista da Polonia e Lituania, foi preso 7 vezes no periodo que decorreu de 1902 a 1916, sendo desta vez deportado para a Siberia.

Com a revolução de Março de 1917 obteve a liberdade e passou a fazer parte do «comité» executivo de Irkoutsk e do «comité» do partido bolchevista. Depois de ter desempenhado diferentes comissões de confiança, foi eleito para fazer parte da assembleia constituinte.

Em Novembro de 1917 fez parte do «comité revolucionario de Léningrado.

Em Fevereiro de 1918 foi encarregado da organização defensiva da região de Pskov como comissario de guerra dos exercitos.

Em 1923 fez parte do «comité» revolucionario da união das republicas sovieticas e membro da comissão executiva central e da comissão de revisão.

Desde 6 de Fevereiro de 1925 que era comissario do povo substituto dos negocios da guerra e presideute suplente da comissão militar revolucionaria, junto do falecido camarada Frunze. Este, porém, tinha mais conhecimentos tecnicos militares e comandava os exercitos da frente oriental em 1919 e depois os da frente do Turkestão, e, em fins de 1920, os exercitos que operavam contra Wrangel. Temos assim um polaco a ocupar o lugar em que se notabilizára o israelita «Trotzki».

## A aeronautica japoneza

O Japão dispõe de 16 esquadrilhas e uma companhia de aerosteiros.

Desde 1921 que junto da Universidade de Tokio foi criado o instituto aeronautico, onde se formam os engenheiros destinados ás especialidades da aeronautica. A escola de Tokorosawa fornece os pilotos militares, que são recrutados em todaa as armss. Em média saem anualmente desta escola uns 40 a 50 pilotos. Ha tambem aqui uma escola de mecanicos.

Em Shimonoshidzu está instalada uma importante escola de observadores, onde se podem recolher 100 aviões.

Nesta escola ha excelentes oficinas, garagens, casernas, alojamentos para oficiais, salas, biblioteca, etc.

Para a observação e regulação do tiro existe uma torre de 20 metros de altura com um plano relevo e numerosas lampadas electricas para figurar os rebentamentos. Ha ainda uma importante secção fotografica.

Em Akeno ha uma escola de tiro aereo, aonde vem anualmente um grupo de aviação.

Aos diferentes campos de instrução, onde se reunem tropas de todas as armas, concorrem esquadrilhas de aviação para se praticar a ligação entre a aviação e essas armas.

Como a escola de tiro aereo fica junto ao mar, ha pratica de tiro contra alvos maritimos rebocados.

No Japão trata-se de dar um grande deesenvolvimento á aviação, mas com um caracter pratico, visto que os diferentes exercicios realisam-se, tanto quanto possivel, nas condições em que se procederá na guerra.

## A aviação na Polonia

Na Polonia está-se dando um grande desenvolvimento á aviação.

O comandante em chefe da aviação polaca, o general Zagorski, acaba de adquirir em França 17 novos aviões. São aparelhos Bréguet com motores Lorraine Diétrich de 450 C. V.

Um grupo de 7 aparelhos, num dos quais vinha o general Zagorski, partiu já de Paris, seguindo por Udina a Praga.

Nesta etape gastou 1h30, o que corresponde a 250 kilom. á hora.

*V. C.*

**TEATRO SÃO LUIZ**
**CONCERTOS BLANCH**
**DOMINGO**, 3—A's 3 horas da tarde
6.º concerto de assinatura da
**Orquestra Sinfonica Portuguesa**
dirigida pelo maestro **PEDRO BLANCH**
em que toma parte o grande pianista VIANA DA MOTTA, que executará com orquestra o «Concerto em dó maior», de Beethoven e o «Concerts-tuck», de Weber.—BILHETES A' VENDA.

**RESTAURANT BACALHAU**
Ás portas de Bemfica
O retiro melhor frequentado da capital.
Magnifico serviço de ceias de fim do ano.
Reservam-se mesas. Esplendidas salas.
GABINETES RESERVADOS
Aos domingos e feriados
concerto por um terceto

**PELETARIA FRANCO-LUSA, L.DA**
Avenida da Liberdade, 38, 1.º—Telefone N-4404
**CASACOS DE PELES, ECHARPES, RENARDS, ETC.**
Guarnições de pelo a metro, e confeccionadas para vestidos e casacos prontas a colocar sem intervenção de profissionais
**PELES AVULSO**
Preços excepcionais

## FRANÇA

# "Caso o Riff queira entar em negociações de paz deve enviar plenipotenciarios"

a firmou ontem

## o chefe do governo

PARIS, 31

Na Camara dos Deputados travou-se um grande debate sobre as despezas militares de Marrocos.

Briand, longamente aplaudido, afirmou a vontade pacifica da França e explicou as razões que levaram o governo a não se pôr em contacto com o capitão britanico Gordon Cannig, emissario oficioso de Abd-el-Krim, vindo a França para tentar uma «chantage» inadmissivel.

O chefe do governo concluiu:

—Se o Riff quer entabolar negociações de paz, deve enviar plenipotenciarios.

Painlevé comunicou á Camara qual a situação em Marrocos, onde, graças á valentia das tropas francesas que guarnecem toda a linha de batalha, Abd-el-Krim se encontra desmoralisado.

Os contingentes indigenas pódem presentemente limitar a sua acção a um papel de policia.

A Camara aplaudiu, [illegible] declarações do presidente do conselho ministro da Guerra, votando por [illegible] levantadas, sem a minima oposição, os creditos pedidos para Marrocos. — (L.)

### Guerra comercial
#### entre a Inglaterra e os Estados Unidos

Corre em insistencia nos meios bem informados que se considera imediatamente uma guerra comercial entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

Um telegrama de New York informa, porém, que o presidente Coolidge se opõe a sancionar qualquer represalia de caracter economico. — (L.)

**CINEMA CONDES**
HOJE
Ultima exibição
DE
**Civilisação!!!**
Cantico á paz entre os horrores da guerra
Amanhã: o film biblico de *D. W. Griffith*
**JUDITH**
Um grandioso sucesso

## Lisboa modernisa-se!

Foi ontem a inauguração da TABOLETA mais "chic" de Lisboa, no Largo de S. Roque, pertencente ao conhecido **CHICO MARUJO**, onde se encontra á venda bilhetes e fracções para as proximas lotarias do mez de Janeiro.

Por este facto o seu proprietario distribue ámanhã, dia de Ano Bom, um bodo a 20 pobres.

**Dr. Mario de Oliveira**
Ouvidos, nariz e garganta
Com pratica dos hospitais de Paris, Berlim e Viena
Rocio, 59, 1.º
Das 3 ás 5 — Telef. 5497 N.

# ULTIMAS NOTICIAS

**ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA**
chics, bom gosto e onde se não pagam luxos, só na
MANON
Rua João Crisostomo, 115, 1.º
Telef. N. 5551
A. NEVES

### O ANGOLA E METROPOLE

# Foi

## posto em liberdade
## hoje á tarde
### o ex-capitão Carlos de Paraiso

As investigações do caso das notas continuam cada vez mais tocadas de misterio, por parte de quem as está dirigindo.

O sr. dr. Pinto de Magalhães resolveu ontem á noite abandonar o seu gabinete, para ir trabalhar para uma esquadra. E assim desobrigou o sr. governador civil de ser o intermediario dos jornalistas junto do juiz investigador.

Foi posto em liberdade o ex-capitão Carlos Paraizo, antigo empregado de Alves dos Reis.

Estranhava-se hoje no Governo Civil esta deliberação do sr. dr. Pinto de Magalhães, tanto mais que este preso era acusado de ser o principal autor da falsificação das assinaturas. Consta que num interrogatorio a que foi submetido, declarou que todas as assinaturas eram boas, com excepção da do ministro das Finanças.

Encontram-se incomunicaveis em varias esquadras, três individuos presos no Porto, [illegible] ainda não foram interrogados uma [illegible]

O sr. dr. Teixeira de Azevedo declarou aos representantes dos jornais que o procuraram esta tarde, que nada sabia sobre o caso das notas, visto que a sua acção era muito apagada no processo em questão.

Sabemos que o sr. dr. Pinto de Magalhães continua a defender as suas anteriores convicções, declarando que se o demitirem fará revelações sensacionais á imprensa.

## DE LUTO

### Firmino Ribeiro Ermida

Finou-se no Rio de Janeiro o sr. Firmino Ribeiro Ermida, que ha muitos anos ali residia. Português de lei era ali considerado pela sua inteligencia e caracter.

O finado era irmão das sr.as D. Ana Ermida de Mendonça, esposa do sr. coronel José Correia de Mendonça, e D. Alice Ermida Parreira, esposa do nosso colega sr. José Parreira, e cunhado do sr. dr. Virgilio Machado e da sr.a D. Octavia Amorim Ermida.

Resa-se no sabado na igreja de S. Domingos uma missa pelo 30.º dia da sua morte.

A' distinta familia apresentamos a expressão do nosso pesar.

### D. Laura de Castro e Silva

Faleceu esta manhã a menina Laura Madalena de Castro e Silva, aluna da 5.a classe do liceu Passos Manuel, e filha do distinto professor da Escola Infante D. Henrique, sr. Rodrigo Faria de Castro. O funeral realiza-se amanhã, pelas 10 horas, para o cemiterio de Bemfica.

**Atendendo á solenidade do dia, não se publica ámanhã o "Diario de Lisboa", estando fechados os nossos escritorios e oficinas.**

## Abuso de autoridade
### que é necessario castigar

Esteve na nossa redacção o sr. Augusto Ventura, electricista, residente em Campolide, que veio queixar-se contra uma patrulha da G. N. R. que no ultimo sabado lhe invadiu o domicilio, maltratando sem razão sua mulher, num inclassificavel abuso de autoridade que os seus superiores, por emquanto, ainda não castigaram.

Apresentada a respectiva queixa no quartel de Campolide, foi feito um rapido inquerito pelo tenente sr. Ribeiro, que participou o caso ao comandante do Batalhão. Este prometeu fazer justiça, mas até hoje ainda não foram castigados os insolentes.

Diz o sr. Augusto Ventura, e com razão, que as pessoas pacificas não podem estar sujeitas ás insolencias e aos abusos de gente que não sabe vestir uma farda e cujas faltas os seus superiores hierarquicos não se apressam a castigar severamente.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
R. DOS FANQUEIROS, 114

*PORTUGAL ULTRAMARINO*

# "As colonias estão salvas por sua natureza. A crise que estão atravessando é passageira e conto resolvê-la em breve,,

### DIZ-NOS

## o ministro das colonias

O *Diario de Lisboa* conversou hoje com o sr. ministro das Colonias. O sr. general Vieira da Rocha, militar valoroso, colonialista de tradições, falou-nos da reorganisação dos serviços do seu ministerio.

—Foi nomeada uma comissão.

—Nomes que a compõem?

—Preside o general Massano de Amorim, que terá como colaboradores os altos funcionarios que são os srs. Ernesto de Vasconcelos, Domingos Frias, Manuel Fratel e Artur Tamagnini Barbosa.

—O que levou v. ex.a a nomear essa comissão?

—O facto de ter concluido que, na verdade, os serviços não correspondem ao fim para que foram creados. Quere dizer: a mecanica burocratica deste departamento da administração publica não realisa, ao menos cabalmente, os seus objectivos.

E vai dizendo mais:

—Espero que as pessoas que nomeei dêem por concluida a sua tarefa dentro de dois meses.

—As linhas gerais da reforma?

—Bem vê que eu tenho, naturalmente, o meu pensamento. Não deixei de a traduzir para os colaboradores com que conto. Mas a ideia primitiva, é mais que certo, virá a ser alterada no decorrer dos trabalhos. Tudo o que viesse a dizer-se agora, portanto, poderia sofrer modificações, mais ou menos profundas.

Entretanto, e a titulo de informação, diremos ao leitor que ficarão, na reforma que se está preparando, umas quatro ou cinco direcções gerais. O conselho colonial ficará, organisação e funcionamento, tal qual está. O conselho superior de obras publicas e minas, a comissão de cartografia e a agencia geral das colonias ficarão integradas na futura direcção geral dos serviços centrais e diplomaticos. Será criado um conselho superior de defesa militar das colonias e integrado na futura direcção geral do ministerio.

Emfim, algumas modificações sensiveis, e outras que não poderão considerar-se decisivas.

* * *

E a entrevista, a proposito prossegue:

—A comissão de defesa das colonias?

—Não depende do meu ministerio. São coisas áparte. Consequencias, mais ou menos directas, de um proposito, que só merece louvores.

—O proposito...

—...de salvar, de melhorar, ao menos, as condições de vida para o nosso dominio ultramarino.

E o titular da pasta das Colonias declara:

—Sou dos que consideram a crise, que as possessões portuguesas estão atravessando, uma crise passageira. Crise de caracter bancario, com aspectos salientes, em um ou outro sitio, mas remedeavel por toda a parte.

Na Guiné, como em Angola e em Moçambique.

A Metropole atravessa já um periodo quasi semelhante. Estava a libra em divisas incomportaveis. E modificaram-se essas circunstancias, e tudo melhorou e tudo se remedeou. Não, meu amigo.

A concluir um raciocinio:

—As colonias não precisam de ser salvas. As colonias estão salvas por sua natureza. Trabalhar a favor delas é dever de todos nós.

Acentuando o seu ponto de vista:

—Mas a crise não as toca na propria essencia da sua vida, na propria base da sua existencia. Isto não é ser optimista. E', simplesmente, ser justo.

O caso de Angola.

—Com o financiamento, vai acrescentando o general sr. Vieira da Rocha, quasi tudo se remedeou. Estão-se pagando dividas. O funcionalismo não tem motivos serios para se queixar.

—O financiamento ..

—Atinge dois milhões de libras. Desses dois milhões, metade deve estar consumida, a esta hora.

—Quanto a pagamentos?

—Têm se feito com a possivel regularidade.

Mais:

—Já saiu o decreto relativo ao pagamento das obrigações. As três primeiras séries, 15.000 contos, são agora pagas.

«Espero, e não exagero, fazendo esta afirmação, que as coisas se regularizarão por lá dentro de um praso de tempo bastante curto.

Quanto a Moçambique diz o sr. general Vieira da Rocha:

—O Alto Comissario foi ali encontrar uma situação já criada. Viu-se, naturalmente, obrigado a gastar as receitas-ouro que podia arranjar, no pagamento de dividas por outros contraidas.

Foram vinte e nove mil contos, mais seiscentas mil libras, mais cento e cincoenta e sete mil libras, do credito de três milhões. E tudo isso se tem pago. Decerto com dificuldades. Tornou-se necessario criar a Bolsa de Cambiais para regularisar a entrega das cambiais ao comercio. Foi necessario, emfim, tomar uma serie de medidas e de providencias, cujos efeitos se vão fazer sentir, estou certo disso, rapidamente.

Referimo-nos á posição politica do sr. Azevedo Coutinho, aos boatos que correm sobre o seu proximo regresso á metropole e á sua substituição.

—São coisas de que apenas os jornais falam.

Insistimos.

—Mas falam, com razão sou sem razão?

Gentilmente, o sr. ministro das Colonias opôz uma récusa.

—Só lhe digo, concluiu, que o sr. Azevedo Coutinho conta ter em Março proximo debelado a crise.

E despediu-se de nós.

ANO NOVO
O esmerado
BOLO REI
da Leitaria La Liz é feito na sua nova fabrica, onde egualmente são manipuladas todas as especialidades dos finos doces expostos.
Especialidades e preços sem confronto
Grande sortido de cartonagens
LA LIZ
Rua 1.º de Dezembro, 135
(Defronte do Avenida Palace)

MANUCURE
só para senhoras
Perfumaria Flor de Lis, Limitada
RUA NOVA DO ALMADA, 83

AUTO-PIANOS
KASTNER E STEMS
OS MELHORES ALEMAES
SASSETTI & C.A
56 — RUA DO CARMO — LISBOA

### A POLITICA DA TARDE

# Vai

## para Alto Comissario de Moçambique
### o deputado Alvaro de Castro?

A' volta do Governo Civil de Lisboa está-se estabelecendo uma deliciosa intriga que tem por fim levar o sr. dr. Filipe Mendes, que com tanta proficiencia se tem mantido á frente do seu cargo a abandona-lo para ceder ás imposições de varios elementos irriquietos do P. R. P. que querem «á outrance» um partidario naquele logar. Fala-se no sr. Viriato Lobo, mas ha quem se incline mais para o sr. Agatão Lança. O que parece assente é que o sr. Filipe Mendes, infelizmente para as casas de beneficencia, não aquece por muito tempo o seu «fauteuil» de governador civil.

* * *

A proxima reabertura de S. Bento vai trazer surpresas. E' até possivel que o sr. Cunha Leal se veja obrigado a fazer declarações que não são precisamente aquelas que foram feitas pelo seu partido na apresentação ministerial.

* * *

Segundo nos consta, o sr. ministro das Finanças, logo que lhe seja asado o momento, levará á Camara novas propostas de Finanças, pelas quais todo o actual sistema desaparece, regressando se de novo ao antigo, de maneira a unificar todo o nosso embrulhado e confuso embroglio tributario. Assim, ao que nos dizem, desaparecem as taxas completamentares, imposto de transação e demais alcavalas, para tudo se resumir em duas contribuições que não demandem nem perda de tempo nem aglomeração de pessoal.

* * *

Ha no novo Parlamento um nucleo de deputados que está disposto a conjugar esforços de maneira a que sejam diminuidos os encargos do Tesouro, no que respeita ao numero de ministerios. Como? Juntando Guerra, Colonias e Marinha, mantendo a supressão do ministerio do Trabalho, e fazendo a junção do ministerio da Instrução com o da Justiça, que ficará sendo—Justiça, Instrução e Cultos. Este projecto tem na Camara fortes opositores.

* * *

Segundo nos afirmaram hoje, o sr. dr. Alvaro de Castro será Alto Comissario de Moçambique, ainda no primeiro trimestre de 1926.

## O arsenal de "bombas"

*(Continuação da 5.a pagina)*

ção improvisada no meio da casa. Um cestinho com pregos enferrujados, uma caixa com chumbos velhos de selar caixotes, 4 ou 5 cartuchos, uma espingarda sem gatilhos...

—Que tal? Hein?! Capaz de ir tudo pelos ares...

—Mas... não apareceu mais nada?

—Por enquanto, mais nada.

—Não ha mais nada, meu senhor! — garantiu a velha a chorar — Isto mesmo, são os brinquedos do meu netinho...

* * *

Havia uma escada, e ao cimo dela um sotão escuro e sujo onde um homem mal cabia de gatas; e havia, nos jornalistas, um receio grande e bem natural de que uma coisa de nada lhes desmascarasse o disfarce. E então, ordenou-se, para bater em retirada:

—Vejam bem aquele sotão! Entretanto, vamos nós combinar o serviço com o chefe! Isto... são coisas muito sérias...

—Vão descansados que eu cá tomo conta!

E enquanto os 4 civicos se encafuavam, acocorados, no sotão, viemos nós combinar o serviço da noticia com o Alvaro de Andrade, que é chefe... mas da redacção.